



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E
INTEGRAÇÃO**

**ESTÉTICAS AFRO-LATINO-AMERICANAS:
O MOVIMENTO HIP HOP NO CONTEXTO DA POLÍTICA INTERNACIONAL**

RONALDO SILVA

Foz do Iguaçu
2015



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO

ESTÉTICAS AFRO-LATINO-AMERICANAS:
O MOVIMENTO HIP HOP NO CONTEXTO DA POLÍTICA INTERNACIONAL

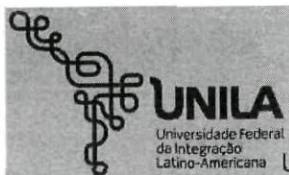
RONALDO SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel Relações Internacionais e Integração

Orientadora: Prof. Dra. Angela Maria de Souza

Coorientadora: Prof. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci

Foz do Iguaçu
2015



Ministério da Educação

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

BIBLIOTECA CENTRAL LATINO-AMERICANA - BIUNILA TERMO DE DOAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO OU ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU.

Nome completo do autor (a)/doador (a): Ronaldo Silva; Curso: Relações Internacionais e Integração;

Documento de identificação (RG, CPF, Passaporte, etc.): 034.632.691-55

Endereço completo: Avenida Juscelino Kubitschek, 2755 - Vila Paraguaia, Foz do Iguaçu - PR, 85864-000; E – mail: ronaldosilvars@hotmail.com; Fone: (45) 9943-4238

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (X) - Especialização Lato Sensu ()

Título: Estéticas Afro-Latino-Americanas: O Movimento Hip Hop no contexto da política internacional

Data da Defesa: 30/06/2015.

O Autor:

Declara estar ciente que deve entregar a cópia deste documento em formato digital (CD/DVD) para ser incorporado futuramente ao acervo do Repositório Digital - RIUNILA no qual ficará disponível integralmente para consulta. Declara que o documento entregue é seu trabalho original e que detém a autonomia de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega deste documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, as garantias de qualquer outra pessoa ou entidade.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported* declarada pelo autor sob as seguintes condições:

1 Permitir uso comercial da Obra?

Sim () Não (X)

2 Permitir Modificações em sua obra?

Sim () Sim, desde que outros compartilhem da mesma licença () Não (X)

A Obra continua protegida por Direito /Autorial (Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998) e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autorial é **proibido**.

Foz do Iguaçu, 30 de julho de 2015.

Ronaldo Silva
Assinatura do Responsável pela doação

Recebido por: _____ em: ____/____/____.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINOAMERICANA
INSTITUTO LATINOAMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA

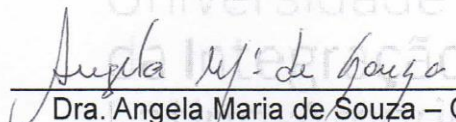
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais e
Integração de Ronaldo Silva

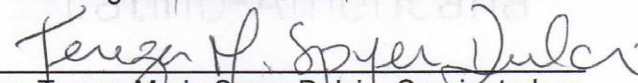
Aos trinta dias do mês de junho do ano de dois mil e quinze, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais e Integração de RONALDO SILVA, intitulado "ESTÉTICAS AFRO-LATINO-AMERICANAS: O MOVIMENTO HIP HOP NO CONTEXTO DA POLÍTICA INTERNACIONAL. Compuseram a banca examinadora a orientadora professora Doutora Angela Maria de Souza, a co-orientadora professora Doutora Tereza Maria Spyer Dulci, a professora Doutora Suellen Mayara Peres de Oliveira e o professor Doutor Waldemir Rosa.

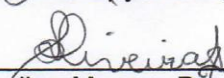
Após a exposição oral, o candidato foi arguido pelos componentes da banca que, em seguida, reuniram-se reservadamente, e decidiram pela Aprovação, com a nota 10,0.

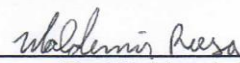
Aprovada por todos os presentes, segue assinada a presente ata pelos membros da banca examinadora.

A banca indica que o depósito na biblioteca está condicionado ao atendimento das recomendações sugeridas nesta banca.


Dra. Angela Maria de Souza – Orientador


Dra. Tereza Maria Spyer Dulci – Coorientadora


Dra. Suellen Mayara Peres de Oliveira


Dr. Waldemir Rosa

Dedico este trabalho às minhas queridas mãe, Edina Damacena Silva e Maria de Fatima Vieira Domingos, ao meu pai Francisco Domingos Neto e ao meu companheiro de todas os momentos, Claudio Camilo.

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço aos anjos de luz que durante minha caminhada estiveram sempre presente guiando e norteando minha jornada, mostrando e ajudando-me a romper os obstáculos da vida.

Agradeço a minha mães, Edina Damacena Silva e Maria de Fatima Vieira Domingos, ao meu pai Francisco Domingos Neto e ao meu companheiro de todas os momentos, Claudio Camilo, pelo apoio e pela força de continuar batalhando por meus sonhos.

À professora Angela Maria de Souza, o muito obrigado, por guiar-me durante a caminhada universitária, não só pelas constantes orientações no dia a dia, nos 4 anos de projeto de Iniciação Científica e neste trabalho de conclusão de curso, mas sobretudo pela amizade e seus conselhos.

Em nome da professora Tereza Maria Spyer Dulci agradeço a todo o colegiado de Relações Internacionais e Integração.

Aos colegas de curso, obrigado pelo acolhimento e pela amizade. Obrigado, especialmente a Nanci Ishida, Raísa Santos, Karen Susan, Natali Hoff, Janaina Ribeiro e Luciana Ribeiro pela amizade.

Agradeço a UNILA, pelos recursos financeiros, como subsídio moradia, alimentação, transporte assim como pela bolsa de Iniciação Científica. Sem estes recursos financeiros, sei que seria inviável permanecer em Foz do Iguaçu para estudar.

Muito além dos recursos financeiros, agradeço a todos os técnicos administrativos e a todo corpo docente a instituição, onde dentre muitos tive a oportunidade de escutar e aprender no Ciclo Comum de América Latina.

SILVA, RONALDO. **Estéticas Afro-Latino-Americanas**: O Movimento hip hop no contexto da política internacional. 2015. 85 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Relações Internacionais e Integração) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESUMO

A partir da década de 1980 vive-se um período de transformações estruturais nas Relações Internacionais, como a mudança do sistema bipolar para multipolar, a emergência de novos atores e agendas internacionais. Diante esse contexto, o presente trabalho traz à luz a insurgência das ações sócias e culturais na política mundial através das narrações poéticas do Rap, estilo musical do Movimento Hip Hop. Para compreender esses processos de transformações culturais nas Relações Internacionais, utilizamos como método de pesquisa uma observação etnográfica arraigado a um estudo das representações das imagens, símbolos e trabalhos monográficos sobre o Movimento Hip Hop no contexto urbano de foz do Iguaçu e suas articulações político-socioculturais na região de fronteira, Ciudad Del Este – Paraguay, Puerto Iguazú – Argentina e Foz do Iguaçu – Brasil. O marco teórico repousa um olhar sobre as abordagens construtivistas das Relações Internacionais, trazendo percepções sobre o processo de desenvolvimento da sociedade civil, enquanto força transnacional, entre as interações dos Estados modernos. Assim, a partir de uma releitura do processo de formação, estruturação e desenvolvimento do Movimento Hip Hop nos EUA e América Latina, realiza-se um estudo de campo sobre o rap iguaçuense a fim de compreender a partir das narrativas do Rap, novos olhares e percepções da política mundial, a partir do pertencimento local-global.

Palavras-chave: Fronteira. Movimento Hip Hop. Política mundial. Movimentos socioculturais. Sociedade civil.

SILVA, RONALDO. AESTHETIC AFRO-LATIN AMERICA: Hip Hop movement in the context of international politics. 2015. 85 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais e Integração) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

ABSTRACT

From the 1980's a period of structural change in International Relations begins, such as the changes from the bipolar system for multipolar and the emergence of new actors and international agendas. According to this context, this study brings to light the insurgency of the social and cultural actions in world politics through the poetic narrations of Rap, a musical style born to the Hip Hop Movement. To understand these processes of cultural transformations in International Relations, it was used as a research method the ethnographic observation rooted to the study of representations of images, symbols and also works monographs on the Hip Hop Movement in the urban context of Foz do Iguaçu and its political and socio-cultural articulations in the border region, Ciudad Del Este - Paraguay, Puerto Iguazú - Argentina and Foz do Iguaçu - Brazil. The theoretical mark reclines on the constructivist perspectives of International Relations, and brings perceptions about the process of development of civil society, while as transnational strength, among the integrations of member States. Therefore, starting from a reevaluation of the formation, the process, the structure and the development of the hip hop movement in the USA and Latin America, a study field is conducted about the iguacuense rap in attempt to understand the narratives of the Rap, and also new perceptions of world politics, from the sense of belonging local and global.

Key words: Border. Hip-Hop Movement. World Politics. Socialcultural Movements. Civil Society

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Cidade de Foz do Iguaçu.....	51
Figura 2 – Divisão regional da cidade de Foz do Iguaçu – 12 regiões.....	53
Figura 3 – Fanzine A chave é a União (CARTEL DO RAP, 2009).....	63
Figura 4 – É hora de lutar (CARTEL DO RAP, 2009).....	63
Figura 5 – Somos Anti-Capitalistas/Somos Anti-Imperialista (CARTEL DO RAP 2009)	64
Figura 6 – Consciência Negra (CARTEL DO RAP, 2008).....	64
Figura 7 – Cartaz do 1º Rap na Quebrada.....	67
Figura 8 – Cartaz Rap In Foz.....	67
Figura 9 – Cartaz do Show dos Racionais MC's.....	68
Figura 10 – Cartaz do evento Rap Tura: RAP+CULTURA	69
Figura 11 – Cartaz da 1º Feira de Hip Hop.....	70
Figura 11 – Cartaz da inauguração da biblioteca no bairro Cidade Nova em Foz do Iguaçu.....	71
Figura 13 – Cartaz do evento Tributo Sabota no bairro Cidade Nova – Foz do Iguaçu.....	72
Figura 14 – Cartaz do evento Hip Hop na Vila A	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 OLHARES SOBRE FOZ DO IGUAÇU.....	15
2. A EMERGÊNCIA SOCIOCULTURAL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	19
2.1 OS GRANDES DEBATES NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ESTUDOS CONSTRUTIVISTAS.....	19
2.2 CULTURA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	26
3. ESTÉTICAS AFRO-LATINO-AMERICANAS: MOVIMENTO HIP HOP NA DIÁSPORA.....	33
3.1 MOVIMENTO NA DIÁSPORA.....	33
3.2 MOVIMENTO HIP HOP: CONTEXTO HISTÓRICO.....	38
3.3 RHYTHM AND POETRY: (RE)PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS LOCAL-GLOBAL.....	45
4. NARRAÇÕES E REPRESENTAÇÕES: A ESTÉTICA POLÍTICA SOCIOCULTURAL DO RAP (RE)DEFININDO FRONTEIRAS.....	50
4.1 O CONTEXTO URBANO E SUAS FRONTEIRAS.....	50
4.2 MOVIMENTO HIP HOP EM FOZ DO IGUAÇU: NARRAÇÕES E REPRESENTAÇÕES.....	57
4.3 <i>RAP NA QUEBRADA</i> : TRÂNSITO DE SIGNIFICADOS NA FRONTEIRA.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, faz parte da caminhada de pesquisa, que inicia com o projeto de Iniciação Científica (PIBIC-2011-2014) intitulado: “Estéticas afro-latino-americanas: o rap redefinindo fronteiras”, com o objetivo de refletir sobre estas formas de manifestação (do Movimento Hip Hop) que se rearticulam em contextos afro-latino-americanos, procurando observar as intercessões e coexistência de práticas e estéticas, principalmente musicais, na América Latina.

Compreender este contexto que forma o Movimento Hip Hop Latino Americano, possibilitou-nos ampliar a perspectiva para outras direções, principalmente a partir dos debates, que principalmente o Rap, seu estilo musical, lança sobre as populações afro-indígenas-latino-americanas, tanto no contexto da política internacional, como no âmbito local, como ocorreu com a pesquisa etnográfica realizada na região da fronteira, principalmente entre Foz do Iguaçu – Brasil e Ciudad del Este – Paraguai. O debate proposto pelo Rap é questionador e aponta problemas que atingem as duas grandes populações latino-americanas, negra e indígena.

Dessa forma, na medida em que compreende-se o contexto que forma o Movimento Hip Hop na América Latina, ocorre um trabalho de campo na busca de compreensão das produções e relações de significados constituídos no Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu. Para tanto, esta pesquisa, através do exercício de observação das articulações e interações do Rap iguaçuense, busca compreender os significados e suas relações no contexto trinacional de fronteira entre Foz do Iguaçu – Brasil, Ciudad Del Este – Paraguay e Puerto Iguazú – Argentina.

A pesquisa começa com levantamento de dados realizado nas redes sociais, plataformas de músicas, vídeos e imagens na internet sobre as práticas do Movimento Hip Hop na fronteira. Este levantamento de dados proporcionou uma aproximação com ações sociais, onde as práticas coletivas do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu revelam-nos enquanto um movimento político-cultural transnacional.

A coleta de dados, como documentários, imagens, músicas, depoimentos e sites, sobre o Movimento Hip Hop na fronteira traz uma rede de significados a ser analisada, para compreensão das dinâmicas de interações entre os Estados, as cidades, as ações sociais e culturais local e regional.

As interações de significados no Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu, a partir do seu estilo musical, o Rap iguaçuense, que se constitui entre as fronteiras territoriais, simbólicas e ideológicas, permite-nos conceber a partir das interações nas redes virtuais no ciberespaço, um espaço de interação e difusão de culturas assim como da própria

formação de uma cultura virtual à difusão de conhecimento e informações sobre os fluxos de significados que transitam na faixa de fronteira do contexto trinacional.

Diante de uma compreensão do desenvolvimento do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu, a partir do estabelecimento de contato e diálogos nas redes virtuais, buscamos estar presente nos processos de interações e articulações em que o Movimento Hip Hop se faz pela cidade e no contexto trinacional, “pois é através do fluxo do comportamento – ou mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação” (GEERTZ, 2011, p. 12), à ressignificar suas dinâmicas de interações num movimento político-cultural.

Nesse sentido, as articulações do Movimento Hip Hop iguaçuense revelam-se por meio de uma leitura dos acontecimentos no dia a dia, num movimento ininterrupto de significados. As ações de interações sociais e culturais, precisamente dos rappers, na sua produção de significados às suas relações, traz à luz uma fundamentação condicionante a interpretação de valores, acepções, identidades e símbolos substanciais para compreensão do contexto em que se forma o Movimento Hip Hop de fronteira.

Para tanto, os estudos passam a ser localizados e específicos, para possibilitar uma consistência no mapeamento de dados. Nesse sentido estar presente no campo de estudo, observando, ouvindo e fazendo as anotações (CARDOSO, 2000) constitui-se uma prática imprescindível à compreensão das ações do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu e suas articulações no contexto trinacional.

Assim, este contexto trinacional entre três Estados (Brasil, Paraguay e Argentina), permitem olhar além das especificidades de cada Estado as facetas da vida urbana das cidades inseridas nesse contexto regional. À uma reinterpretação de acontecimentos, valores e símbolos que se cruzam ressignificando o contexto da política internacional.

Dessa forma, o presente trabalho centrado numa observação das dinâmicas de significados em que desenvolve-se o Movimento Hip Hop iguaçuense, desenvolve uma etnografia do contexto urbano da cidade de Foz do Iguaçu, através de um trabalho de campo localizado, um meio ao qual possibilita-nos observar, vivenciar e analisar os significados e suas ações sociais e culturais.

Dessa maneira, o contexto urbano, precisamente a cidade, revela-nos “um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizadas, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição, (...) um produto da natureza, e particularmente da natureza humana”. (PARK, 1967, p.25). Assim sendo a cidade é uma área cultural caracterizada por hábitos e costumes, que se moldam uns aos outros a especificarem uma estrutura organizacional peculiar e inerente de sua própria cultura urbana.

Consequentemente a cidade torna-se na relação humana, o “iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo”. (WIRTH, 1967, p.89). Nesse contexto, a cidade em seu espaço urbano constitui uma variável explicativa de ações e relações do comportamento humano, influenciando e transformando as faces da vida humana. Nesse contexto, a cidade de Foz do Iguaçu ganha forma e cor, na medida em que a estrutura delimitadora do seu espaço é redefinida nas práticas das ações político-sociais e culturais.

Para podermos realizar um exercício de observação sobre o Movimento Hip Hop iguaçuense se faz necessário “um olhar *de perto e de dentro* capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos” (MAGNANI, 2002, p.17) comportamentais das ações sociais e culturais da vida cotidiana que transcorre na paisagem da cidade. Uma vez que, somente percorrendo “a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz” (Idem, p.18) que será possível a produção de um relato sobre os fluxos de significados do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu.

As observações requerem a utilização de métodos e técnicas específicas, sendo assim, o conjunto desse trabalho é desenvolvido numa observação qualitativa do estudo das representações à uma pesquisa trabalho de campo. Para Lauwe (1967, 126), “o *estudo das representações*, das imagens, dos modelos culturais, dos símbolos, dos sistemas de valores, supõe uma ligação entre as investigações de campo e as pesquisas documentais efetuadas a partir dos métodos de análise de conteúdo”.

Assim, este trabalho como resultado de um projeto desenvolvido na Iniciação Científica, inicia-se numa pesquisa na Internet, na coleta de dados (música, imagens, áudios, documentários e artigos) sobre Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu. Este exercício de observação e levantamento de informações nas redes sociais na Internet, permitiram perceber os processos de articulações que compõem o Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu, inicialmente em páginas virtuais, como os grupos no Facebook intitulado *Hip Hop Foz do Iguaçu Fronteira, Memórias do Hip-Hop de Foz, Hip Hop Paraguay*.

Estes grupos foram criados para divulgar imagens, músicas, eventos, cursos e debates, sendo os dois primeiros grupos criados pelo Movimento Hip Hop da cidade de Foz do Iguaçu – Brasil e o último no Paraguay. Outra fonte de dados importante são as plataformas musicais, como Palcomp3 Vagalume e Cifraclub que carregam áudios,

músicas, vídeos e músicas.

Neste contexto, um espaço virtual bastante importante para o Movimento Hip Hop da fronteira é o blog fronterahiphop.blogspot.com. Este blog mostra faces da história do Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu assim como informações do desenvolvimento de outras atividades. Nesse sentido, estar presente nas interações virtuais possibilitou-nos observar uma conjuntura de elementos, signos entrelaçados, que compõe a realidade dos mesmos.

Na medida em que as percepções sobre o Movimento Hip Hop iguaçuense ampliam-se, as leituras de referências teóricas sobre Cultura (GEERTZ, 2011; BHABHA, 2010), Diáspora (HALL, 2011), Identidade (Hall, 2011), Sociedade (CASTELLS, 2011; GIDDENS, 2009), Transnacionalismo (RIBEIRO, 1997), tornavam-se importantes para uma compreensão dos processos de desenvolvimento do Movimento Hip Hop na sociedade global, a partir de um diálogo local de fronteira, com as Relações Internacionais.

As leituras de referências teóricas possibilitou-nos redefinir olhares e percepções sobre as pesquisas iniciais através da Internet, na medida que se estabeleceu diálogos com integrantes do Movimento Hip Hop iguaçuense e de Ciudad del Este, ao passo que tornava-se possível identificar os lugares e espaços que em se constituía o fluxo das relações sociais da comunidade Hip Hop local.

1.1 OLHARES SOBRE FOZ DO IGUAÇU

A cidade de Foz do Iguaçu e seus bairros se redefinem nas narrações musicais do Rap, a transporem os significados do contexto trinacional, a qual a cidade se faz inserida. As imagens coletadas na Internet do Movimento Hip Hop iguaçuense ilustram e demarcam a cidade e seus espaços. As edificações da usina de Itaipu Binacional e as Cataratas do Iguaçu, símbolos de beleza se contrapõem-se aos significados da vida urbana da periferia.

A cidade de Foz do Iguaçu a ser referenciada por seus símbolos turísticos, amplia-se e se redefine nos discursos de seus moradores. Através dos diálogos, inicialmente estabelecido com o rapper Mano Zeu, passamos a redefinir olhares e a perceber as múltiplas faces do contexto urbano de Foz do Iguaçu e sua via de acesso ao Paraguai e a Argentina. Nesse sentido, as especificidades de cada Estado revelam-se nas ações da vida urbana de suas cidades, como Ciudad Del Este – PY e Puerto Iguazú – ARG.

Os diálogos ampliam nossas percepções sobre a cidade e o fluxo em que se faz o Movimento Hip Hop na cidade de Foz do Iguaçu e suas articulações na fronteira. Os diálogos permitiram a realização de entrevistas, que nos traz à luz elementos que permitem observar a realidade das dinâmicas sociais e espaciais do Movimento na cidade.

Nesse contexto, a entrevista com o rapper Mano Zeu, e os diálogos estabelecidos com o grupo Mandamento da Rua e com o grupo 5º Naípe foram determinantes para esta compreensão sobre a cidade. A participação de eventos, organizados por estes e outros rappers, expõe elementos importantes para um olhar sobre o processo de formação e desenvolvimento e do Movimento Hip Hop na região. A partir das narrações presentes nas entrevistas torna-se possível reescrever a história da cidade assim como do Movimento Hip Hop e suas relações, principalmente quando as dinâmicas de interações sociais e espaciais compõem o contexto trinacional num fluxo de eventos.

As participações de eventos e as observações e vivências das articulações culturais e sociais, que percorrem a cidade e seus espaços, revelam-nos olhares sobre espaços e lugares abandonados, marcado pela falta de ação dos governantes locais. Esse olhar transgride os significados do contexto urbano local à comunidade regional trinacional, pois as faces da comunidade urbana de Foz do Iguaçu transpõe no fluxo de articulações, uma rede de relações que se cruzam no seu contexto trinacional. Na medida em que os fluxos do Movimento Hip Hop que percorre a cidade alimentam uma juventude e expõe uma crítica as mazelas vida urbana, seja através dos grafites nos muros, das narrações do rap ou nas performances do break.

Dessa forma, se faz necessário compreender o contexto urbano em que se faz as relações político-sociais e culturais. A cidade de Foz do Iguaçu está localizada entre o Rio Paraná e o Rio Iguaçu, na região oeste do estado do Paraná – Brasil, fazendo fronteira com a cidade de Puerto Iguazú – Argentina e Ciudad Del Este – Paraguay.

A cidade de Foz do Iguaçu possui uma população total: 256.088, sendo pretos: 9.170 e pardos: 80.366, num total da população negra na cidade de 89.536 – IBGE (2010). A cidade é conhecida internacionalmente por seus atrativos turísticos, como as Cataratas do Iguaçu localizando dentro do Parque Nacional do Iguaçu, e pela Usina de Itaipu Binacional. Assim como por seu ponto de entrada a Cidade Del Este no Paraguay, terceiro maior centro comercial do mundo, ficando atrás apenas de Miami nos Estados Unidos e de Hong Kong na China.

A cidade de Foz do Iguaçu enquanto um ponto turístico edifica-se em torno das relações multiculturais, numa estimativa de 72 etnias, de acordo com o Observatório da Tríplice Fronteira. (OBSERVATÓRIO, s.d). No entanto, Foz do Iguaçu vai muito além de

ser um ponto de encontro as relações turísticas, a cidade (re)define-se em bairros e em suas relações sociais de sua população. A cidade é marcada por uma alta taxa de Índice de Homicídios na Adolescência – IHA (MELO; CANO, 2012), diante de um trânsito de violência que se cruzam entre o Brasil e o Paraguai, na movimentação entre o contrabando de mercadorias e o tráfico de drogas.

A cidade dividida para efeitos administrativos, fragmenta-se em 12 regiões homogêneas, que será apresenta no terceiro capítulo, para uma melhor compreensão do desenvolvendo e articulação dos fluxos de articulações do Movimento Hip Hop e sua espacialidade. Compreender o contexto urbano da cidade de Foz do Iguaçu na medida em que estabelece-se diálogos de sua conjuntura de significados no seu contexto trinacional, a cidade permite, através de suas manifestações culturais, como os fluxos de eventos que faz através do Movimento Hip Hop, trazer acontecimentos e elementos da vida cotidiana de sua população para uma compreensão das dinâmicas das relações políticas local-global.

Dessa forma, a participação em eventos, como Tributo a Sabotage, a 1º Ferra de Hip Hop em Foz, a Inauguração da Biblioteca do bairro Cidade Nova, os encontros culturais na pista de skate, no Marco da Três Fronteira, no Zoológico Municipal de Foz do Iguaçu, criam uma rede de significados determinantes para o desenvolvimento da pesquisa. A participação nestes eventos permitem-nos compreender as relações da juventude que se constituem nas articulações do Movimento Hip Hop na medida em que seus significados nos evidenciam em suas ações políticas um fluxo de significados que transpõem a sociedade local à olhar a sociedade global em suas relações socioculturais.

Dessa forma, como recorte de abordagem para compreensão do Movimento hip hop, as articulações dos rappers nos eventos, revelam-se como manifestações políticas de debate e crítica social, de diálogo e apresentações performáticas culturais da vida urbana. Assim, estar no fluxo em que se faz o Movimento Hip Hop percorrendo a cidade Foz do Iguaçu é determinante para a compreensão do estudo das representações da sociedade global à sociedade local.

Dessa forma, para compreender os processos de formação, estruturação, desenvolvimento e reprodução social e cultural, utilizamos como método o “*estudo das representações*, das imagens, dos modelos culturais, dos símbolos, dos sistemas de valores, supõe uma ligação entre as investigações de campo e as pesquisas documentais efetuadas a partir dos métodos de análise de conteúdo”. (LAUWE, 1967, p. 126)

Uma vez que, somente compreendo as práticas de deslocamentos e suas articulações das ações sociais e culturais no seu contexto urbano e/ou rural que podemos delinear percepções para uma compreensão mais refinada dos significados da sociedade

global e sua política mundial.

Para tanto, este trabalho divide-se em três partes:

No **primeiro capítulo**, apresenta-se os Quatro Debates presente na disciplina de Relações Internacionais, necessárias para uma compreensão das transformações estruturais da formação e desenvolvimento da política mundial e que possibilitam compreender as dinâmicas culturais e sociais, para uma interpretação de manifestações político-sociais e culturais que constituem-se ao longo da história, a fim de revelar as faces das transformações locais que cruzam as fronteiras dos Estados-nação a tornarem-se movimentos políticos transnacionais, incluindo neste contexto o Movimento Hip Hop.

Nesse contexto, a partir de uma compreensão das práticas político-socioculturais que se manifestam no mundo, o **segundo capítulo**, é estruturado a partir de um olhar sobre os movimentos da diáspora, e como estes tornam possível delinear o percurso de formação, estruturação e desenvolvimento de uma estética política mundial, que é o Movimento Hip Hop. Dessa forma, as transformações da globalização fazem emergir novas especificidades que permitem olhar para um Sistema Internacional não mais formados somente por Estados modernos, mas sim por Organizações Governamentais e Intergovernamentais e Forças Transnacionais. Neste capítulo o Movimento Hip Hop é apresentado e contextualizado com o objetivo de compreensão desta relação transnacional que é dinamizada a partir dos debates e discussões que o Movimento estabelece.

Por último, o **terceiro capítulo** traz um estudo de campo a partir do Rap, sobre o Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu. Diante de uma observação do desenvolvimento da estética política do Rap iguaçuense torna-se possível a elaboração de um relato sobre suas especificidades, presentes tanto em seu contexto urbano local como o trinacional.

Dessa forma, buscamos apresentar a partir dessa compreensão do rap iguaçuense as narrações e representações que constituem o Movimento Hip Hop num contexto transnacional, através de um olhar sobre a estruturação e transformação das Relações Internacionais numa análise de suas dinâmicas e políticas local-global.

2 A EMERGÊNCIA SOCIOCULTURAL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2.1 OS GRANDES DEBATES NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ESTUDOS CONSTRUTIVISTAS

Os Grandes debates a serem apresentados nesse capítulo referem-se a um processo de reinterpretação dos fenômenos e acontecimentos nas Relações Internacionais, numa tentativa de disciplinar o campo de estudo da disciplina e seu arcabouço teórico.

As teorias das Relações Internacionais, em seu conjunto nos Grandes Debates, tem por finalidade produzir uma reflexão das abordagens, conceitos e dos métodos de estudos das relações políticas, econômicas e sociais internacionais. À facilitar um entendimento do processo de formação, estruturação e desenvolvimento do Sistema Internacional, dos fenômenos, dos acontecimentos, das agendas e das relações dos atores na plano internacional.

As teorias das Relações Internacionais, em torno das questões metateóricas, ontológicas e epistemológicas, iluminam os olhares e as percepções dos processos e estruturas que moldam as relações dos atores e as agendas internacionais. Para tanto, os estudiosos da disciplina buscam compreender os acontecimentos deste campo de estudos a partir da constituição dos Estado-nação, que remontam ao Tratado de Westfália em 1648, que pôs fim à Guerra dos Trinta Anos¹ (ARRUDA, 1983). Este recorte de abordagem caracteriza-se pelo processo idealização de que os Estados são unidades políticas soberanas, pois passam a ter controle sobre todas as instituições domésticas, reservando-lhes o monopólio da força e do poder.

Outrossim, a idealização de Estados, enquanto unidades políticas e soberanas, em que não exista nenhum ator superior aos Estados, se fortaleceram após Westfália na redefinição territorial à instauração de um sistema de estados europeus. Diante as premissas de constituição dos Estados nacionais, o modelo westfaliano reinou nas dinâmicas das Relações Internacionais até recentemente. Nesse contexto, dentre os Grandes Debates às teorias das Relações Internacionais, o primeiro debate revela-se numa contraposição ontológica sobre o objeto de estudo da disciplina, caracterizada entre os Realistas versus Idealistas. (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

A corrente idealista têm suas considerações iniciais na década de 1918, quando o

¹ A Guerra dos Trinta Anos consiste numa série de guerras/conflitos que diversas nações europeias travaram entre si a partir de 1618, por motivos variados, rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. As rivalidades entre católicos e protestantes e assuntos constitucionais foram gradualmente transformados numa luta europeia. A guerra termina somente em 1648, com o Tratado de Westfália, que marca o fim do poder imperial na Alemanha e o início da hegemonia francesa. (ARRUDA, 1983).

presidente dos Estados Unidos W. Wilson em seu discurso no Congresso Dos Estados Unidos, cria 14 proposições para a reconstrução da Europa e a garantia da paz, a fim de evitar novos confrontos motivados por vinganças ou interesses políticos e econômicos. Os 14 pontos de Wilson a partir de suas metas, busca a paz entre as nações, a edificação de um mundo melhor e mais pacífico.

Assim, o período pós-guerra (1918) marca uma idealização de preceitos universais a partir da conduta de Woodrow Wilson. A ação do ex-presidente dos Estados Unidos na política mundial, caracterizou a idealização de seus 14 pontos num “conjunto de princípios universais que defende a necessidade de estruturar o mundo buscando o entendimento, através de condutas pacifistas, onde a confiança e a boa vontade sejam os motores que movimentam a História”. (MIYAMOTO, 2000, p. 15).

Dentre os 14 pontos estabelecidos por W. Wilson, está a Criação da Liga das Nações (1919), por meio do Tratado de Versalhes (1919), idealizada para a mediação e arbitragem da paz na terra. Já que os idealistas pensavam que para se ter uma ordem precisaria de normas e regimes por meio de uma organização jurídica, para disciplinar as condutas dos atores nas Relações Internacionais. Assim, os Estados e organizações caminhariam para uma ordem internacional centrada numa paz perpétua (Idem, 2000).

Os Idealistas defendiam que por meio de organizações, contratos e tratados, poderíamos ter uma ordem e disciplina no movimento das Relações Internacionais. A corrente idealista parte da perspectiva de que os Estados deveriam portar os mesmos princípios morais que guiavam as condutas dos indivíduos, assim como uma institucionalização de interesses comum na busca pela paz. Uma vez que os Estados deveriam agir de acordo com a moral humana e sem a violência em suas relações com os demais atores, para se ter uma harmonia de interesse em suas relações.

Ao contrário do Idealismo, o Realismo surge a partir de uma crítica das visões e concepções de mundo da corrente idealista. O realismo de acordo com Fernandes (2011, p.44), fundamenta-se em autores histórico-político-filosóficos, como: Tucídides, na formulação da ideia de balança de poder; Niccolò Machiavelli, na teorização política, separando a ideia política face à esfera da moral; Thomas Hobbes, na ideia da anarquia, a ausência de poder central internacional; e Carl Von Clausewitz, na teorização estratégica militar, sobre as relações entre a política externa e a guerra.

Estes autores clássicos revelam-nos as faces de uma natureza estatal, onde “o Estado soberano, ou westfaliano, é encarado de uma forma unitária, e também o ator central das Relações Internacionais que tem a maximizar o seu interesse através de escolhas de política [externa] racionais e amorais” (FERNANDES, 2011, p. 52). Para os estudiosos realistas, o Estado é o cerne das Relações Internacionais, considerado como

ator unitário, representado por sua totalidade de atuação e por sua racionalidade de maximização de ganhos e minimização das perdas.

Os realistas, defendem os Estados como atores unitários de suprema atuação em um sistema anárquico, onde não há o poder central prevalecendo sobre os demais atores. A anarquia não significa que o sistema seja desorganizado, mas que haja uma organização de competitividade nas relações entre os atores. As competitividades que são disputas nas inter-relações dos Estados revelam as capacidades de exército dos seus recursos estatais à uma tentativa de influenciar os interesses dos outros atores, uma vez que o ambiente de disputa entre os estados está “à sombra da guerra”. (ARON, 1986, p. 52).

Desse modo, devemos compreender que a competitividade nas relações entre os Estados revelam-se numa face sublime de autoajuda, devido os Estados relacionam-se num sistema sem poder central e temerem por uma guerra. Já que o sistema não possui um poder central para disciplinar as relações, os cumprimentos de regras, a segurança dos atores. (NOGUEIRA & MESSARI, 2005)

Sendo assim, as correntes Realista e Idealista aceitam que há um Sistema Internacional anárquico, porém divergem quanto a existência, a realidade e natureza dos entes na atuação no cenário internacional. Em torno de um debate ontológico, num estudo da existência dos entes nas Relações Internacionais, percebemos que a própria materialização da disciplina desenvolve-se desde o seu início centrado no Estado e negando as esferas socioculturais.

De acordo com Fernandes (2001), autores como Edward Carr, Reinhold Nieburh, Hans Morgenthau e Kenneth Ealtz, entre as décadas de 1940-50, enfatizavam um pensamento dominante numa construção teórica realista, “centrada no estudo do Estado e do seu relacionamento com outros Estados, e, particularmente, no fenômeno guerra (...) sem grandes preocupações de desenvolvimento de um quadro teórico próprio e original para a disciplina” (FERNANDES, 2011, p. 58).

Desse modo, diante as transformações pós-guerra (1950) os teóricos das Relações Internacionais procuram “validar-se por cânones de tipo empiricista-positivista, invocando o teste de factos, nomeadamente a dos factos brutalmente violentos, como a I e a II Guerras Mundiais” (FERNANDES, 2011, p. 59), numa tentativa de validar o campo de estudo, seus conceitos e especificidades.

Diante da fragilidade teórico clássica, o segundo debate caracteriza-se não mais pelo estudo ontológico, mas sim pela questão metodológico das Relações Internacionais. De acordo com Nogueira & Messari (2005), o segundo debate entre Behaviorismo versus Tradicionalismo, protagonizado por Hedley Bull e Morton Kaplan, “centrou-se nas

divergências fundamentais sobre a metodologia de investigação e de trabalho que separam estas duas escolas”. (Idem p. 61). Os científicos defendiam a necessidade de centrar os estudos das Relações Internacionais, a partir da descrição, verificação e explicação dos fenômenos que ocorrem no ambiente internacional.

O segundo debate possui forte influência acadêmica empirista norte-americana e da Escola Inglesa, na utilização de métodos mais rigorosos e exatos. Enquanto a abordagem metodológico Tradicionalista identifica-se com uma visão liberal institucionalista e da Escola Inglesa, a abordagem Behavioristas identificava-se com a academia norte-americana e com o realismo. (NOGUEIRA & MESSARI, 2005, p. 4-5).

A abordagem Tradicional defendia uma “metodologia derivada das Ciências Humanas baseada num método qualitativo de análise (...) de conteúdo, (...) assente em técnica de interpretação documental e na intuição e julgamento do investigador”. (FERNANDES, 2011, p. 62). O procedimento metodológico da abordagem Tradicional constitui-se na escolha dos objetos às leituras exploratórias e de identificação temática, na medida em que identifica-se os dados e as informações oficiais e/ou não oficiais a uma análise documental interna/externa às possíveis considerações.

Enquanto a abordagem científica ou Behaviorista procurava validar-se por meio de métodos mais exatos, a partir da matemática, da física e das ciências naturais, os Behavioristas acreditava que somente a partir de modelos explicativos, comportamentais poderíamos obter, a partir das partes, ao todo, uma visão mais delineada das Relações Internacionais. Desse modo, os Behavioristas privilegiavam,

a formação de hipóteses, verificáveis pela observação direta dos fenômenos sociais, através de técnicas (...) que permitem a quantificação de resultados, como as sondagens, a medida de atitudes, a modelização de comportamentos sociais e humanos e a mediação do poder relativo dos Estados. (FERNANDES, 2011, p. 62).

O procedimento metodológico da abordagem behaviorista constitui-se por meio de uma ruptura na pergunta de partida, nas leituras exploratórias e na identificação da problemática à construção do modelo de análise a interpretação de hipóteses mais os conceitos, na medida em que realiza-se uma verificação, observação e análise de dados e/ou informações às possíveis considerações. Neste debate há um radicalismo entre os protagonistas em encontrar pressupostos e argumentos plausíveis a excluir um ao outro do campo de estudo à tentativa de explicar a conduta e comportamentos dos atores.

Diante desse contexto, desde o debate ontológico, que trata dos estudos da natureza da formação dos atores numa tentativa de disciplinar um campo de análise metodológica nas Relações Internacionais, emerge diante os fenômenos e acontecimentos na política mundial o terceiro Grande Debate a partir da década de 1970,

o Debate Inter-paradigmático. (NOGUEIRA & MESSARI, 2005, p.7).

O terceiro grande debate – Liberalismo e Estruturalismo versus Realismo – mais conhecido como o Debate Inter-paradigmático, traz uma pluralidade de questionamentos sobre as produções teóricas na disciplina de Relações Internacionais, em busca de qual perspectiva para melhor compreender o campo de estudo da política mundial.

Este debate que inicia-se em 1970 implantou-se com maior força na década de 1980, que desde suas implicações sobre os estudos teóricos da disciplina tem colocado os liberais e os estruturalistas do mesmo lado na medida em que cerram suas críticas ao realismo. Sendo que as razões para estas mudanças consiste nos paradigmas das correntes neo-neo, como: os neo-realismo, os neo-liberais, os neo-marxistas. (FERNANDES, 2011).

Por fim, no Quarto Grande Debate, entre os Pós-modernos versus Racionalismo, desenvolvem-se num debate pós-positivista. Este debate surge diante as transformações da globalização à mundialização das relações sociais, culturais, econômicas e políticas, a partir de 1990.

Das transformações culturais internas nos Estados à emergência de Forças Transnacionais (FTs) e Organizações Governamentais e Intergovernamentais (ONGs) nas Relações Internacionais, novas abordagens, ideias, discursos e autores, como os teóricos críticos, feministas, construtivistas, pós-estruturalistas, pós-modernistas e os pós-coloniais, desafiam os três Grandes Debates das Relações Internacionais à um desenvolvimento de novos valores, olhares, especificidades e saberes no quarto Grande Debate. (PECEQUILO, 2012)

É somente a partir do Quarto Grande Debate que torna-se possível trazer à luz, através das correntes pós-positivistas, uma compreensão da emergência das organizações sociais e culturais, como o Movimento Hip Hop, nos debates das Relações Internacionais.

O debate pós-positivista instaura nos estudos das Relações Internacionais controvérsias teóricas e polêmicas, até então colocado à margem do campo da disciplina. Propõe-se críticas radicais as faces dominantes ao método tradicional de análise da disciplina à medida que destaca-se em suas abordagens, contribuições primordiais a (re)interpretação teórico-metodológicas, como

“(i) a necessidade de se promover a reflexão epistemológica; (ii) a relevância de se submeterem os procedimentos metodológicos e de investigação a uma crítica constante; (iii) a chamada de atenção para não se negligenciarem as relações entre o conhecimento produzido e o poder estabelecido, enquanto objeto de estudo; (iv) a evidenciação de que o discurso realista está próximo de uma ideologia tendencialmente

conservadora. (...) (v) a chamada de atenção, implícita nas correntes feministas, para o facto de poder haver uma divisão da diferente da disciplina a partir do gênero humano; (vi) a importância dada à renovação das abordagens ético-normativas, que não podem ser varridas da disciplina como alguma orientação positivista empiricista mais ortodoxa sustenta. (FERNANDES, 2011, p. 121-122).

À luz das correntes pós-positivistas, o presente trabalho recorre às abordagens construtivas, como meio de embasamento teórico à compreensão e interpretação dos novos atores, temas e agendas nas Relações Internacionais. Visto que, entre os inúmeros contributos das correntes pós-positivistas, a construção social revela-nos um refinamento de interpretações sobre o mundo em que vivemos. Assim, o termo construtivismo foi introduzido na literatura das Relações Internacionais por meio de Nichola Onuf (1989) e Alexander Wendt (1999).

Para Wendt (1999, p. 396-397), as correntes sociais construtivistas repousam na ideia de que a política internacional se faz através de uma construção de relações de significados coletivos. Os atores se relacionam entre si a constituírem uma estrutura de interação mútua no Sistema Internacional(S.I) sendo que,

Um princípio fundamental da teoria social construtivista é que as pessoas agem em relação a objetos, incluindo outros atores, com base nos significados que os objetos têm para elas. (...). São os significados coletivos que constituem as estruturas que organizam nossas ações. (...) Os atores adquirem identidades – entendimentos e expectativas relativamente estáveis da função específica sobre si próprio – ao participarem em tais significados coletivos. (...) O compromisso com a saliência e de identidades particulares variam, mas cada identidade é uma definição intrinsecamente social do ator fundamentada nas teorias que os atores detêm coletivamente sobre si mesmos e uns aos outros e que constituem a estrutura do mundo social. (WENDT, 1999, p. 396-398).

As identidades e os interesses são construídas através das ideias compartilhadas, uma ação individual à coletiva, numa definição de si própria e de outros elementos que se inter-relacionam coletivamente diante dos fenômenos nas Relações Internacionais, à medida que possibilita-nos constituir uma estrutura de mundo social. (WENDT, 1999, p. 403).

Sendo assim, o processo de interação e associação que se dá a forma uma Sociedade Internacional marca uma formação estrutural das relações entre os atores e de ideias compartilhadas em vez de forças materiais, onde as identidades e interesses dos atores são construídos por essas ideias compartilhadas em vez de dado por natureza,

- (1) que as estruturas de associação humana são determinadas principalmente por ideias compartilhadas em vez de forças materiais, e
- (2) que as identidades e os interesses de atores com objetivos são construídos por estas ideias compartilhadas em vez de dadas pela natureza. (WENDT, 1999, p. 01).

Numa concepção das relações entre os agentes, “os construtivistas negam simultaneamente que os agentes procedam à estrutura e moldam para servir seus interesses e suas preferências, e que a estrutura tenha a capacidade de constranger e limitar as opções e, portanto, as ações dos agentes” (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p.166).

Os agentes e as estruturas são faces co-constitutivos, se interagem numa dinâmica de relações internas mútuas e estruturais numa transformação entre o plano interno e externo, diante as contingências e imprevisões impostas pela prática de sociabilidade, conforme coloca Nogueira & Messari (2005):

Um exemplo ilustrativo da premissa de co-constituição é que não se pode falar em sociedade sem falar nos indivíduos que a compõem, nem se pode falar de indivíduos – no plural, ou seja, mais de um indivíduo – sem falar da sociedade que eles constituem. Nesse sentido a sociedade e indivíduos são co-constituídos, da mesma forma que agentes e estruturas são co-constituídos. (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p.166-167),

É fato que nos processos de interações e/ou associações entre o indivíduo e a sociedade as práticas humanas constituem-se coletivamente na interseção de múltiplos significados sociais e culturais. Para tanto,

todas as sociedades são sistemas sociais e, ao mesmo tempo, constituídas pela interseção de múltiplos sistemas sociais. Estes podem ser totalmente ‘internos’ às sociedades ou transpor as linhas divisórias entre o ‘interior’ e o ‘exterior’, formando uma diversidade de possíveis modos de conexão entre totalidades sociais e sistemas intersociais. Os sistemas intersociais não são imaginários e envolvem caracteristicamente formas de relação entre sociedades de diferentes tipos. (...) As ‘extremidades do espaço-tempo’ referem-se a interconexões, e a diferenciais de poder, encontrados entre distintos tipos sociais, incluindo os sistemas intersociais. (GIDDENS, 2009, p.194)

Os processos de interações e associações das práticas humanas às faces de seus significados constituem “sistemas sociais que ‘se destacam’ em baixo-relevo de um fundo constituído por toda uma série de outras relações sistêmicas”. (GIDDENS, 2009, p.194). Ou seja, uma compreensão das relações humanas a partir de um olhar da sua matriz familiar, numa reinterpretação dos laços e significados constituídos na história.

Nessa perspectiva, as abordagens construtivistas nas “relações internacionais repousa basicamente em sua ênfase na realidade ontológica do conhecimento intersubjetivo e nas implicações metodológicas e epistemológicas dessa realidade” (ADLER, 1999, p. 206). Buscando trazer por meio de um olhar das unidades em suas interações, que são os indivíduos e suas ações, do interno para o externo (de dentro dos Estados para o plano internacional) uma compreensão do sistema e suas partes através das ações sociais.

Assim, as epistemologias sociais e culturais, em uma perspectiva interpretativa,

buscam justificar as produções de significados, ideias e/ou estruturas sociais nas Relações Internacionais na medida em que “as identidades, os interesses e o comportamento dos agentes políticos são socialmente construídos por significados, interpretações e pressupostos coletivos sobre o mundo” (Idem, p. 2009).

Nesse sentido, em torno das abordagens construtivistas, o próximo subcapítulo apresenta uma compreensão das transformações sociais e culturais ao longo da história, uma especificidade das ações sociais e culturais nas Relações Internacionais. Desse modo, apresentamos a seguir, visões sobre os processos de desenvolvimento de manifestações político-sociais e culturais que emergem na política mundial à uma compreensão da metamorfose internacional.

2.1 CULTURA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Após a Segunda Guerra Mundial e com advento da Guerra Fria vive-se um período de transformações estruturais nas Relações Internacionais, como a emancipação de ações político-sociais e culturais, de atores e novos temas na agenda internacional. A emergência de transformações locais a fluxos comerciais, financeiros, tecnológicos, sociais e culturais no plano global, revela as faces de transformação da globalização à “mundialização de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração”. (IANNI, 2008, p. 36).

As transformações estruturais nas relações de poder dos Estado-nação cruzam-se no universo de paradigmas da globalização às rupturas de reinterpretações políticas e teórico-metodológicas nas Relações Internacionais. A partir de 1990, com a emergência das abordagens construtivistas, inicia-se uma formação de novas bases de conhecimentos para a interpretação dos fenômenos internacionais, passando desde o realismo prático, histórico, estrutural e liberal às novas correntes institucionalistas, neoliberais e construtivistas sociais. (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

Uma crise paradigmática nas Relações Internacionais diante dos acontecimentos da globalização econômico-financeira e das integrações liberalizadoras dos mercados, emerge um período revolucionário no surgimento a novas tradições. Em um sistema de “interação econômica, política e estratégica entre Estados-agente, os quais, ao guiarem-se pelos interesses próprios, dependem uns dos outros para atingir seus fins externos” (SARAIVA, 2008, p.45), qualificam-se num ambiente unilateral de forças singulares a uma evolução de entendimento e colaborações múltiplas, redefinindo a cultura das relações de poderes.

A evolução nas interações entre os entes no Sistema Internacional revela-nos uma maturidade nas ações e condutas entre os atores no plano internacional. Um amadurecimento que atinge o estágio de consolidação de uma Sociedade Internacional.

A Sociedade Internacional qualifica-se por seus “elementos derivados de princípios e práticas específicas de política internacional e a cultural comum que lhes dá unidade orgânica”. (SARAIVA, 2008, p.49). Os atores em suas relações e interações, atuam e interagem entre si como componentes de um mesmo organismo, transpondo as barreiras do Estado-nação à inserção de novos entes e a ausência de uma entidade internacional com poder central.

Assim, na Sociedade Internacional contemporânea os Estados-nação começam a redefinirem suas políticas internas a um processo de transformação e alteração estrutural de suas relações entre os atores e suas agendas no plano global-local. O amadurecimento impõe a cada ator redefinir parâmetros de ações que condicionam e/ou influenciam as relações. Os sistemas históricos das relações entre Estados à emergência de novos atores passam a caminhar para uma Sociedade Internacional, redefinindo normas, modos de viver e pensar.

Nos novos padrões de análises da sociedade contemporânea, “uma outra trajetória científica no âmbito das relações internacionais foi empreendida pelos historiadores” (Idem), devido à ausência de instrumentos analíticos consistentes para as interpretações das transformações e das novas dinâmicas da política mundial. Uma reforma empreendida por novos estudiosos numa compreensão interdisciplinar das dinâmicas entre as relações dos povos, Estados e culturas à reinterpretar os fenômenos local-global. (SARAIVA, 2008, p.09).

Em uma Sociedade Internacional em constante movimento, as dinâmicas das relações de poder entre os entes tornam-se imprevisíveis, nesse sentido somente com as interpretações culturais podemos redefinir padrões e conduta do movimento das Relações Internacionais.

Para tanto, de acordo com Saraiva (2008, p.232) quatro fenômenos formaram um “conjunto de transformações observadas na essência do sistema internacional e modificaram suas causalidades, (...) abalaram a ordem bipolar e afirmaram a diversidade, bem como a multipolaridade econômica e ideológica”. As transformações no sistema, marca uma ruptura entre duas grandes correntes econômicas e ideologias, os Estados Unidos, no mundo ocidental ou capitalista, e a ex-União Soviética, no mundo dito socialista ou comunista.

Esta conjuntura de transformações revela uma dinâmica de fenômenos heterogêneos. Uma disputa tanto político-militar e econômica como diplomática cultural e

ideológica, levou ao desmoronamento da ordem bipolar à construção da chamada nova ordem multipolar, uma reorganização geopolítica na tentativa de equilibrar o poder e suas influências no campo político, militar e econômico.

Nesse contexto de transformações, de acordo com Saraiva (2008, p.231) o primeiro fenômeno foi a *détente*², uma flexibilização dos arranjos políticos consolidada no concerto americano-soviético. O segundo é a tomada de consciência dos interesses e suas diversidades e da pulverização das percepções de auto-afirmação dos Estados no sistema internacional. O terceiro fenômeno está empreendido nos esforços da construção de uma 'nova ordem econômica internacional' pelos países do Terceiro Mundo. Enquanto que, o quarto e último "fenômeno foi a 'crise econômica', especialmente a energética e a financeira, responsável por um período de grande intranquilidade para as relações internacionais". (SARAIVA, 2008, p.232).

Esta crise econômica foi determinante para um processo de reestruturação das grandes metrópoles, levando ao declínio populacional e empregatício. Os desastrosos efeitos dessas transformações na vida urbana, principalmente as populações entregues às margem da sociedade moderna, fazem do apego familiar nas comunidade locais a emergência de expressões político-culturais e sociais como mecanismo de debate, questionamento e repostas às opressões e marginalizações impostas a era pós-industrial. (ROSE, 1997).

Nesse contexto, o Movimento Hip Hop, organização que buscamos compreender nesse trabalho, emerge à luz dessas transformações econômicas no sistema internacional, nos Estados Unidos, marcada pelo processo de reestruturação urbana da cidade de Nova York – EUA. Vive-se um período marcado por transformações local-global, onde as relações dos fenômenos políticos, econômicos, tecnológicos transgridem o global ao local, e vice e versa, em revelam as faces das sociedades contemporâneas. (ROSE, 1997).

Nesse sentido, o encontro desses fenômenos coloca os Estados nacionais a repensarem o seu papel na política internacional, uma vez que, as diversidades de interesses e ideologias nas relações entre os entes na Sociedade Internacional, revela a expressão e a determinação dos Estados na tentativa de influenciar as relações de poder no Sistema Internacional.

As transformações econômicas, políticas, tecnológicas e sociais, empreendidas nas forças dos Estados nas Relações Internacionais frente ao século XXI, marca um processo de mundialização das relações local-global. Um fenômeno de inclusão e

² Termo usado para designar a flexibilização e novos arranjos nas relações entre os Estados, que antes marcada por um relacionamento hostil passam a partir da década de 1970 reestabelecer relações diplomáticas e culturais a diminuir os conflitos. (LAGOS, 1981)

exclusão, onde os fluxos de emancipação de ações no plano local emergem nos “processos e estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração” (IANNI, 2008, p.36) no plano internacional, (re)definindo no cenário as estruturas entre os entes na Sociedade Internacional.

A globalização altera o espaço-tempo da sociedade civil à um movimento de inclusão e exclusão às correntes financeiras, políticas, econômicas, tecnológicas, culturais e sociais no plano global. As transformações estruturais dos elementos e/ou correntes da globalização despertam a sociedade civil em seu modo de viver e sentir o mundo local-global.

A emergência da sociedade civil, “compreendendo grupos e classes, movimentos sociais e partidos, cultura e hegemonia, parece sintetizar-se no Estado. Esse é o âmbito em que se manifestam inicialmente a liberdade e igualdade de proprietários formalmente organizados no contrato”. (IANNI, 2008, p.37). Para tanto, o processo de organização social da sociedade civil contemporânea à luz dos princípios da igualdade e liberdade humana postula os interesses de organizações político-sociais na Sociedade Internacional.

No dinamismo das forças que operam os fluxos de significados coletivos, os movimentos étnicos, trabalhistas, religiosos, feministas e entre outros, tem (re)significado um amadurecimento entre os entes na Sociedade Internacional. Nesse contexto, o Movimento Hip Hop, expressão da diáspora afro-latino-americana carrega em suas expressões de significados, questionamento e debates, um olhar crítico das transformações e relações entre sujeitos e suas políticas no plano da sociedade local e internacional.

Sendo assim, esses fenômenos têm modificado “as relações, os processos e as estruturas de dominação e apropriação” (IANNI, 2008, p. 49) da sociedade local à transporem na Sociedade Internacional as condições sociais e culturais, no “modo de ser, sentir, pensar e imaginar”. (Idem, p.50).

Os movimentos sociais e culturais revelam-se entre 1945-1990 numa revolução social e cultural. “A mudança social mais impressionante e de mais longo alcance da segunda metade do século, e que nos isola para sempre do mundo do passado, é a morte do campesinato. Pois desde a era neolítica a maioria dos seres humanos vivia da terra e seu gado ou recorria ao mar para a pesca”. (HOBBSAWM, 2013, p.284). Os valores e tradições do campesinato transpõe as barreiras rurais às faces da vida urbana numa ruptura as tradições rurais.

Na medida em que esvazia-se o campo à “morte do campesinato”, as cidades enchem-se e inicia-se os processos de urbanização. As cidades multiplicam-se e as

peças se conectam a uma era de invenções. Nesse processo de rupturas e resistências frente as transformações da modernização urbana, as pessoas passam a se organizarem, exemplo disso foi “o crescimento de ocupações que exigiam educação secundária e superior”. (HOBBSAWM, 2013, p. 289). O crescimento de movimentos que exigiam educação revela-se como políticas da formação de recursos humanos para a modernização dos Estados. De acordo com Hobsbawm (2013, p.290)

antes da Segunda Guerra Mundial, mesmo a Alemanha, França e Grã-Bretanha, três dos maiores países, mais desenvolvidos e instruídos, com uma população total 150 milhões, não tinham juntos mais que aproximadamente 150 mil universitários, um décimo de 1% de suas populações somadas. Contudo, no fim da década de 1980 os estudantes eram contados aos milhões na França, República Federal da Alemanha, Itália, Espanha e URSS (para citar apenas países europeus), isso sem falar no Brasil, Índia, México, Filipinas e, claro, EUA, que tinham sido pioneiros na educação universitária em massa.

As massas de movimentos estudantis constituem-se frente à década de 1960 um novo fator na cultura e na política, “eram não apenas radicais e explosivas, mas singularmente eficazes na expressão nacional, e mesmo internacional, de descontentamento político e social” (Idem, p. 292).

Os movimentos estudantis em todo o mundo expressam uma ação política revolucionária à medida que, em planos locais, rebelaram-se em 1968 “desde os EUA e o México, no Ocidente, até a Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia, socialistas, em grande parte estimulados pela extraordinária irrupção de maio de 1968 em Paris, epicentro de um levante estudantil continental” (HOBBSAWM, 2013, p. 292-293).

À medida que acontecem ações políticas estudantis em distintas partes do mundo, inicia-se um declínio pós-industrial, ao afastamento da mão de obra humana por novas tecnologias. Tal falta culminou a uma crise de consciência e não de classe, onde

as próprias populações misturadas e heterogêneas que ganhavam a vida nos países desenvolvidos vendendo seu trabalho braçal por salários aprenderam a ver-se como uma única classe trabalhadora, e a encarar esse fato como de longe a coisa mais importante em sua situação como seres humanos na sociedade. Ou pelo menos chegou a essa conclusão um número de operários suficiente para transformar partidos e movimentos que os atraíam essencialmente como trabalhadores [...] em imensas forças políticas no período de poucos anos. (HOBBSAWM, 2013, p. 299).

As classes operárias industriais cruzam uma crise de consciência a aceitação da própria classe trabalhadora como seres humanos na sociedade. A formação e a estruturação dos partidos e movimento trabalhistas (re)definem as barreiras da exclusão social a um progresso de ações e estratégias coletivas à mudanças significativas no modo de viver da cada pessoa, na medida em que essas classes passam a enxergar os benefícios das ações em conjunto.

Outra mudança significativa que perpassa todos os movimentos sociais é a ação da mulher na sociedade, que “afetou a classe operária, e também a maioria de outros setores das sociedades desenvolvidas”. (Idem, p. 304). O mundo político passava por processos emancipatórios da tomada de consciência do ser humano sobre o seu papel na sociedade local e internacional. As forças de papéis e convenções tradicionais do homem e da mulher romperam as fronteiras dos Estados-nação às novas reinterpretações de significados da identidade humana.

A tomada de consciência das ações sociais e culturais desencadeou um processo de ações coletivas, de diferentes formas e em distintas partes do mundo, conduzindo-nos a repensar o papel do ser humano e suas ações. Para Hobsbawm (2013) os valores e tradições são redefinidos numa revolução cultural, que inicia-se através da família e da casa, das relações entre os sexos e suas gerações. Entre as transformações tradicionais,

o divórcio, nascimento ilegítimos e o aumento de famílias com um só dos pais [isto é, esmagadoramente de mães solteiras] indicavam uma crise na relação entre os sexos, o aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte, indicava uma profunda mudança nas relações entre as gerações. A juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade (...), agora se tornava um agente social independente. (HOBSBAWM, 2013, p. 317).

Os padrões e valores tradicionais nas sociedades europeias são redefinidos na mudança das relações entre as gerações, numa tomada de consciência do pertencimento político-social da juventude na sociedade moderna. (Idem). Em 1940-50 inicia-se uma luta de emancipação de valores sociais e culturais, como a luta dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Esse período marca o início de um processo de aceitação de novos valores e significados para a sociedade. Mas é na década de 1960 que vive-se uma revolução cultural de produções e concepções de novos modelos de mundo e sociedade por uma juventude política cultural revolucionária que emergem à margens das fronteiras da exclusão e marginalização.

As produções e relações de significados alteram o espaço e o tempo à uma insurgência crítica de uma estética política de manifestar, protestar e questionar os padrões de viver e sentir o mundo político, social e cultural. Na medida em que as estéticas políticas transpõem as fronteiras dos Estados-nação redefinem as tradições culturais locais à um internacionalismo de movimentos sociais e culturais.

As estéticas político-sociais e culturais utilizam-se de elementos das artes para manifestar e questionar os problemas cotidianos, na medida em que a juventude, passa a organizar e manifestar as inquietações da vida urbana, tornando-se agentes sociais independentes que passam a fazer da arte um movimento político na sociedade contemporânea. Dessa forma, na década de 1960-70, os movimentos político-sociais e

culturais na luta pelos direitos civis dos negros nos EUA revelam-se na formação de movimentos político-social e cultural, um período de expressão e lutas políticas de reconhecimento e afirmação da população negra.

As organizações de jovens que lutam contra as explorações e opressões expressam-se na organização de movimentos de resistência social a uma reexistência político-cultural, transpondo significados do seu pertencimento social a debates políticos. (SOUZA, 2011). A luta pelos direitos civis e por mais espaços de representatividade altera o espaço-tempo de tradições socioculturais, uma verdadeira revolução cultural que inicia-se através da família em suas estruturas de relações. (HOBBSAWM, 2013).

Nesse contexto, padrões comportamentais, conduta sexual, a liberdade de expressão e a autonomia política e seus direitos civis, demarcam a acensão do privado para o público através da nova autonomia da juventude, que passam a se expressarem politicamente através dos seus modos e costumes de ver e sentir o mundo. Não seguir as regras e gerar conflitos de ideias rompeu os fios condutores das juventudes e suas organizações à sua textura social, visto que

essas texturas consistiam não apenas nas relações de fato entre seres humanos e suas formas de organização, mas também nos modelos gerais dessas relações e os padrões esperados de comportamento das pessoas umas com as outras; seus papéis eram prescritos, embora nem sempre escritos. (HOBBSAWM, 2013, p.328).

As organizações sociais e culturais revelavam-se numa crise de paradigmas sobre os padrões e condutas a serem seguidos, nas “velhas texturas e convenções sociais, embora solapadas por um quarto de século de transformação social e econômica sem paralelos, estavam tensas, mas inda não em desintegração”. (Idem).

Nesse contexto, a juventude utiliza elementos políticos através da arte, para uma tomada de consciência de valores humanos a uma reinterpretação alternativa das texturas racionais das ações sociais e culturais. As experiências recriam à luz das organizações sociais e culturais movimentos de articulações políticas na vida urbana.

Assim, as tradições e valores nas sociedades urbanas são redefinidas na emergência de uma juventude política. De acordo com Hobsbawm (2013, p.318-320) a juventude emerge na sociedade civil, emerge primeiro como um estágio final do pleno desenvolvimento humano; segundo como uma massa dominante de poder de compras nas ‘economias de mercados desenvolvidas’; e por fim, a terceira peculiaridade que elucida a nova cultura juvenil é devido o seu espantoso internacionalismo. A juventude descobre novos símbolos materiais e culturais, o que acentua uma constante transformação de capital juvenil na globalização.

Sendo assim, a cultura jovem tornou-se uma verdadeira revolução político-

cultural, seja no seu modo ser ou estar, nos costumes ou nos hábitos, no público e no privado. A expressão da velha cultura dos jovens são contrapostas em expressões nas manifestações urbanas, seja nas roupas, em faixas ou nos muros das cidades. Nesse contexto, antes mesmo de eclodir o boom da revolução cultural em 1968, inicia-se um fluxo estético político nas universidades, nas escolas, nas organizações sociais e culturais, como exemplo a estética política do Movimento Hip Hop que inicia-se na periferia de New York e desenvolve-se em todo o mundo.

Os fenômenos das relações internas dos Estados à mundialização em 1980 das relações de mercados, capitais, políticas, econômicas e culturais marca uma ruptura da política racional a ondas de manifestações e contestações não convencionais. Os movimentos sociais frente ao século XXI para Gohn (2011), acentuam-se em lutas de defesas das culturas locais contra os efeitos da globalização à reivindicações ética na política, de direito civis a direitos políticos.

Dessa forma, a vida urbana e seus aspectos de subjetividade ganham vias de manifestações a uma autonomia do conhecimento, onde os valores, os costumes e hábitos revelam-se na garantia dos direitos humanos. (GOHN, 2011) Assim, os significados passam a se ressignificarem nos discursos e nas práticas estéticas política, social e cultural, redefinindo os modos de ver, sentir e compreender o mundo.

Nesse contexto, a partir das considerações dos processos de emergência social e cultural, trazemos no próximo capítulo, trânsito de significados político-social de uma manifestação político-cultural, que se faz enraizada na diáspora afro-latino-americana, o Movimento Hip Hop. Desse modo, o capítulo anterior, traz uma breve consideração sobre a diáspora e seus significados, para podermos compreender o processo de formação e desenvolvimento de suas estéticas políticas, principalmente do Rap, estilo musical que possibilita-nos compreender a partir dos seus debates, críticas e questionamentos ao mundo em que vivemos.

3 ESTÉTICAS AFRO-LATINO-AMERICANAS: MOVIMENTO HIP HOP NA DIÁSPORA

3.1 MOVIMENTO NA DIÁSPORA

As representações e narrações de movimentos políticos sociais e culturais, como o Movimento hip hop, a partir de seu estilo musical (o Rap) apresentando no capítulo anterior, permite uma breve compreensão sobre o processo de desenvolvimento da diáspora. Uma vez que os fluxos de articulações de imigrantes afro-latino-americanos

para os Estados Unidos revela-nos faces da construção de uma identidade política cultural que se faz em constante trânsito entre as fronteiras dos Estados-nação.

A historiografia revela distintas compreensões acerca da diáspora. A Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana (LOPES, 2004, p. 236) define a diáspora como um termo que “serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram”. Na maioria das vezes este “rico patrimônio cultural” não é reconhecido, isso quando é lembrado na escrita do colonizador sobre o colonizado, sobre a opressão, a desconstrução e desterritorialização de identidades e significados construídos culturalmente.

Autores como Hall (2000a, 2011b, 2011c), Gilroy (2001a, 2007b), Tavaréz (2009), dispõem a diáspora a partir do pertencimento e da consciência histórica e geográfica da cultura. Nesse sentido, Stuart Hall (2011b), apresenta a diáspora como uma manifestação cultural estrutural, um sistema de significação das atividades, dos fenômenos e das práticas de deslocamentos. O conceito inicial apresentado por Hall (2011b) remete a história do velho testamento, na destruição da cidade de Jerusalém à dispersão do povo judeu. De acordo com Hall (2011b, p.28), a interpretação acerca do conceito de diáspora “é modelada na história moderna do povo judeu [de onde o termo ‘diáspora’ se derivou], cujo destino no Holocausto – um dos poucos episódios histórico-mundiais comparáveis em barbárie com a escravidão moderna – é bem conhecida”.

Nesse contexto, Stuart Hall (2011b) traz a diáspora como prática de deslocamento forçada do povo judeu, forçados a redefinirem práticas e significados culturais, uma vez que,

a nossa história, do ‘povo escolhido’, violentamente levado à escravidão no ‘Egito’; deu seu ‘sofrimento’ nas mãos da ‘Babilônia’; da liderança de Moisés, seguida pelo Grande Êxodo – ‘o movimento do povo de Jah’ – que os livrou do cativeiro, e do retorno à Terra Prometida. Esta é a *ur*-origem daquela grande narrativa de libertação, esperança e redenção do Novo Mundo, repetida continuamente ao longo da escravidão. (2011b, p.28).

A diáspora apresentada por Hall (2011b) constitui-se uma metáfora teleológica numa reinterpretação de deslocamentos, em sua maioria forçados, marcada por diferentes conflitos e disputas territoriais e de poder, alterando o tempo e o espaço de “um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta”. (HALL, 2011b, p.29).

A dispersão dos povos judeus é marcada por um processo de distanciamento de sua cultura à grandes deslocamentos na formação de novas comunidades, onde as suas práticas coletivas criam uma solidariedade entre os povos. A essência da comunidade judaica é constituída pela consciência humanista do pertencimento social e cultural, conforme aponta Sorj (2004, p.03)

nós dependemos da nossa consciência moral e individual para definir o que pode ser nosso judaísmo e lutar eventualmente para influenciar outras pessoas. Nunca impor autoritariamente. Assim judeus são aqueles que se sentem judeus ou que se definem como judeus por uma razão que eles acham certa, seja por experiências, pelo Holocausto, pelos pais judeus, por acreditar em Deus, seja o que for.

À luz dos processos de dispersão judaica, as experiências de deslocamentos (re)criam significados essenciais à formação das identidades culturais. As produções e relações de significados são reinterpretados cognitivamente nas ações e nas interações humanas. As dispersões culturais formam uma identidade diaspórica, onde os descolamentos arraigados as produções de significados locais, constituem identidades que,

parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com a qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver entretanto, com a questão da utilização de recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. (HALL, 2000, p.109).

As tradições originárias passam a dar presença e sentido de origem na diáspora na medida em que os trânsitos de significados são redefinidos em sua história. As identidades revelam-se múltiplas nas sociedades, onde “suas origens não são únicas, mas diversas”. (Idem, p.30). Por todo o mundo as práticas de descolamentos são redefinidas culturalmente à uma reinterpretação de seu poder políticos através dos pertencimentos daqueles que se fazem presente nas diásporas.

Na América Latina e Caribe, a diáspora cruza as margens dos Estados-nação à sua geopolítica, através das múltiplas formas estéticas, nas narrativas, nas imagens, nos textos, nas músicas e nos discursos. À luz de sua origem social e cultural, as múltiplas formas estéticas, revelam-se como elementos cruciais do desenvolvimento das práticas de deslocamento na diáspora do Atlântico Negro. (GILROY, 2001).

Os povos “foram forçados a se juntar no quarto canto, na ‘cena primária’ do Novo Mundo. Sua ‘rotas’ são tudo, menos ‘puras’. A grande maioria deles é de descendência ‘africana’. (HALL, 2011b, p.30). Nesse contexto a diáspora reflete um conjunto de identidades políticas e de significados dispersos. A sociedade civil colonial, formada por diferentes elementos culturais entrelaçadas as rotas da escravidão, revela-nos um processo de fusão cultural no Novo Mundo.

Stuart Hall (2011b) e Paul Gilroy (2001) em referência as práticas de deslocamento de africanos para o Caribe, Reino Unido, EUA e do retorno a própria África, demarcam uma relação de diferenciação das estruturas de poder dominantes as práticas culturais marginalizadas.

Na América Latina, conforme aponta Hall (2011b, p.30) “o que denominamos de

Caribe renasceu dentro de violência e através dela. A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial”. Longe de constituir uma continuidade com o passado, a opressão, a violência e a crueldades revela-nos rupturas sociais em toda a América Latina e Caribe.

O pertencimento local de povos oprimidos e marginalizados (re)define-se no trânsito dos processos de deslocamentos ao Novo Mundo. O percurso da colonização, terrestre ou fluvial, recria as diferenças em uma sobreposição de um único movimento diaspórico numa tentativa de elucidar uma história através de uma tomada de consciência originária das práticas culturais. A diáspora não é um retorno a sua diferença maior, é uma recriação das diferenças, caracterizada por sua relação e posição dos entes que fazem o seu movimento.

Sendo assim, os movimentos nas diásporas arraigadas ao apego às tradições originárias constituem em suas práticas estéticas uma marca para o não apagamento de seu poder político. As expressões musicais são elementos de resistência e contra o silenciamento das manifestações culturais originárias. Para Gilroy,

As tradições inventadas de expressão musical, que constituem aqui meu objeto, são igualmente importantes no estudo dos negros da diáspora e da modernidade porque elas têm apoiado a formação de uma casta distinta, muitas vezes sacerdotal, de intelectuais orgânicos cujas experiências nos permitem focalizar com particular clareza a crise da modernidade e dos valores modernos. Essas pessoas geralmente têm sido intelectuais no sentido gramsciano, operando sem os benefícios que fluem ora de uma relação com o estado moderno, ora de posições institucionais seguras no interior das indústrias culturais. Elas têm procurado papéis que escapam à classificação como prática de legisladores ou intérpretes e, em lugar disso, têm se apresentado como guardiães temporários de uma sensibilidade cultural distinta e entrincheirada que também tem operado como um recurso político e filosófico. (...) A música, o dom relutante que supostamente compensava os escravos, não só por seu exílio dos legados ambíguos da razão prática, mas também por sua total exclusão da sociedade política moderna, tem sido refinada e desenvolvida de sorte que ela propicia um modo melhorado de comunicação para além do insignificante poder das palavras – faladas ou escritas. (GILROY, 2001, p.163 – 164)

Para repensar o papel e a importância das práticas socioculturais dos atores nas diásporas através de suas estéticas, faladas ou escritas, as fronteiras de Estados-nação são redefinidas numa alteridade do espaço-tempo, uma reinterpretação de significados que vão além dos fluxos internos nos Estados.

Como aponta Segato (2007, p. 47), “dentro de cada formação, ‘as alteridades históricas’ são os grupos sociais que revelam na sua maneira de existir ‘os outros’, do contexto da sociedade nacional, que deriva-se na história à fazer parte de uma formação específica.” Os “outros” da nação surgem desta construção nacional histórico-ideológica

que marca, de forma distinta, cada país e suas populações.

As pontes entre entranas fronteiras territoriais, políticas, sociais e culturais na história da diáspora passam a constituir enquanto via de passagem, uma “zona de contato, um termo que invoca a ‘copresença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas [...] cujas trajetórias agora se cruzam”. (HALL, 2011, p.31).

Assim, “as práticas incessante da diáspora fazer-se diáspora procura demonstrar a experiência da civilização africana (...) à globalização (...) sua presença na arquitetura da história local e na elaboração da memória do corpo físico, étnico e social”. (TAVARES, 2009, p.14). Uma vez que os fenômenos da globalização tendencialmente tentam alterar as rotas de significados africanos na imaginação social, numa banalização de estereótipos culturais.

Nesse contexto, as rotas das diásporas “a conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial” (HALL, 2011, p.30) revela as faces da consequência desenvolvida no Novo Mundo. Uma arquitetura colonial marcada por pela escravidão, pelo genocídio e pelo silenciamento cultural.

No entanto, nos trajetos da diáspora africana ao Novo Mundo, lançam-se politicamente numa “constelação de práticas que, em composição unitária, imprime sentido de presença e origem no mundo que vivemos”. (TAVAREZ, 2009, p.13). As práticas de saberes desenvolvem-se numa recriação de memórias culturais diante da opressão de suas tradições suprimidas nos processos de escravidão, colonização e de exploração.

A diáspora redefine-se em sua composição na medida que suas faces políticas são expostas nas fragmentações dos Estado-nação redefinindo a geopolítica latino-americana. As práticas de deslocamento rompem suas fronteiras culturais originárias à transgressões socioculturais em distintas partes do mundo. Assim os deslocamentos se reinventam em novas formas estéticas políticas enraizadas as práticas originárias das diásporas.

Sendo assim, podemos ver novas formas estéticas políticas em movimentos na diáspora na sociedade contemporânea, como exemplo na década de 1960-70 nos EUA, no encontro de afro-latino-americanos em New York – EUA. Para tanto, apresentamos abaixo, a formação de um Movimento (Hip Hop) sociocultural onde sua estética política se faz a partir da diáspora.

3.2 MOVIMENTO HIP HOP: CONTEXTO HISTÓRICO

As práticas de deslocamentos de imigrantes afro-latino-americanos, caribenhos, jamaicanos e europeus e dos próprios afro-americanos marca na década de 1970 nos Estados Unidos da América, precisamente em Nova York, no South Bronx e Harlem, a formação de um Movimento, onde suas práticas estéticas culturais e sociais desenvolve-se arraigado a diáspora, o Movimento Hip Hop.

Autores como Arce (1997), Herschmann (1997), Rose (1997), Souza (2009) Vianna (1988), demarcam em suas obras que o Movimento Hip Hop desenvolve-se no encontro desses jovens imigrantes contra um fluxo de transformações pós-industriais que levou a uma reestruturação nas condições sociais e culturais nos contextos urbanos locais, principalmente nas comunidades afrodescendentes e hispânicas.

O encontro destes jovens se dá num período de transformações das grandes metrópoles, marcada por contestações sociais, políticas e econômicas. Os fluxos de transformações proporcionam uma reestruturação nas condições urbanas de comunidades de imigrantes negros e hispânicos. Para Rose (1997, p.195) as transformações que “deram forma a metrópole urbana contemporânea” numa reestruturação social e econômica, constituem-se pelo,

crescimento das redes multinacionais de telecomunicações, a competição da economia global, a grande revolução tecnológica, a formação de novas e internacionais divisões de trabalho, o poder crescente da produção do mercado financeiro e as novas formas de imigração das nações industrializadas do Terceiro Mundo. (Idem).

Nesse contexto, vive-se uma transformação nas relações sociais na metrópole urbana, onde os significados da vida urbana ressignificam-se na ascensão da globalização, onde fenômenos políticos, econômicos, tecnológicos, em conjunto revelam-se elementos de força globais.

Dessa maneira, uma conjuntura de forças globais revelou uma coalizão estrutural na fisionomia da vida urbana na América, onde uma nova economia “informacional, global e em rede” (CASTELLS, 2011, p.119), se desenvolveu baseada na produtividade e na competitividade nas interações de redes locais e globais. Para Castells essa nova economia, classifica-se como:

informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia [sejam empresas, regiões ou nações] dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É *global* porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes [capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados] estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes

econômicos. É *rede* porque, nas novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais. (CASTELLS, 2011, p.119).

As condições urbanas na América diante desse novo sistema econômico global manifesta o surgimento de um novo paradigma às demandas locais. O corpo social das grandes metrópoles não estavam preparadas para os processos de transformações econômicas e tecnológicas para as suas mudanças organizacionais. “A sociedade como um todo – empresas, instituições, organizações e povo – não teve tempo para processar as mudanças tecnológicas e decidir a respeito de suas aplicações”. (CASTELLS, 2011, p.128).

Dessa forma, o contexto urbano das grandes metrópoles passavam a perder verbas federais para seus serviços sociais diante uma reestruturação das grandes corporações multinacionais, na medida em que as imobiliárias em suas grandes aquisições de imóveis e terrenos, transformavam estas aquisições em grandes condomínios, assim como colocavam à venda para a construção de grandes indústrias e novas vias rodoviárias, agravando uma crise social e uma transformação estrutural dos grandes centros comerciais. (ROSE, 1997).

Diante de uma crise social, habitacional e empregatício na década de 1970-80 nas principais cidades norte-americanas, entre elas a cidade de Nova York, vivem uma maciça reestruturação organizacional. A cidade é redesenhada e ganha forma a partir das grandes redes de telecomunicações, de indústrias e de grandes empresas multinacionais. As elites exibem seu poder nos grandes monopólios à medida que a população entregue às periferias buscam reconstruir seus habitares.

A falta de gestão as condições básicas de sobrevivência dos moradores de periferias, principalmente dos imigrantes e as populações mais pobres era notável, as “comunidades ficaram entregues aos ‘donos de favelas’, aos desenvolvimentistas, aos refúgios dos traficantes, aos centros de reabilitação de viciados, aos crimes violentos, às hipotecas e aos serviços municipais e de transportes inadequados. (ROSE, 1997, p.199).

A parte sul do Bronx da cidade de Nova York, visto como “o berço da cultura hip hop” (ROSE, 1997, p.199), revela-nos as faces das rupturas políticas de reestruturação econômica e urbana, resultada no aprofundamento da desigualdade social e cultural. A cidade de Nova York é marcada pela execução de grandes projetos políticos urbanos, como:

rodovias, parque e projeto residenciais, que modificaram significativamente o perfil da cidade (...). Em 1959, a cidade, o estado e as autoridades federais começaram a implementação da Cross-Bronx-Expressway – um projeto de Moses que cortaria ao meio o centro da área mais habitada pela classe operária no Bronx. Embora pudesse ter modificado ligeiramente sua estrada para evitar o desaparecimento de comunidades residenciais

densamente povoadas por trabalhadores étnicos, ele elegeu um caminho que iria requerer a demolição de milhares de edifícios residenciais e comerciais. Ademais, ao longo dos anos 60 e no início dos anos 70, cerca de 60 mil residências do Bronx foram demolidas. Ao nomear essas velhas unidades residenciais de operários como 'favelas', a primeira tarefa de Moses foi promover um programa de liquidação dessas residências, forçando o deslocamento de 170 mil pessoas. (ROSE, 1997, p.199-200).

A reestruturação urbana ressignifica o perfil da cidade, principalmente das partes mais habitadas pela classe operária, por imigrantes judeus, alemães, italianos, latino-americanos e pela população afrodescendente. Esses moradores forçados as práticas de deslocamentos para outras partes da cidade e tendo suas faces sociais e culturais hostilizadas em seu contexto urbano local buscaram à margem da periferia uma resistência política às práticas do silenciamento daqueles que encontravam-se em condições difíceis.

Os protestos sociais e culturais nos Estados Unidos da América as demandas sociais começam a ganhar espaço e formar seu contexto político. As ações políticas sociais constituíam-se como um elemento de fortalecimento das próprias comunidades e também de demarcação cultural, na luta contra o preconceito, o racismo, a discriminação e a violência urbana.

As manifestações ganham forças e espaços à formarem-se em organizações político-sociais e culturais. Enraizada nas identidades alternativas de imigrantes afro-latino-americanos desenvolvem-se um movimento cultural político, fazendo com que suas performances falassem por seus nomes, por suas roupas, por seus estilos de ser e estar na sociedade urbana, numa articulação de "estabelecimento de grupos e turbas de bairros".(ROSE, 1997, p.202).

A região do South Bronx, considerado como o berço cultural desse movimento de rua, marcado no encontro de imigrante afro-latino-americanos na luta pelos direitos civis da população local, desenvolvem-se num

no contexto urbano pós-industrial, de habitações de baixa renda, de empregos pífios para os jovens, de brutalidade policial em ascensão e de crescentes descrições demoníacas da juventude das cidades do interior, o estilo do hip hop é uma 'restauração negra' do urbano. (ROSE, 1997, p.212).

Os encontros dos jovens afro-latino-americanos nas periferias dos EUA desenvolvem uma identidade cultural urbana por meio das ações estéticas que (re)significam suas matrizes coloniais, na música, na dança, no jeito de vestir, em uma "co-presença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas (...) cujas trajetórias agora se cruzam" (HALL, 2011, p.31).

A manifestação sociocultural do Movimento Hip Hop, por meio de suas práticas, o

break, o rap e o grafite desenvolve-se na produção de uma identidade cultural arraigada às experiências em um grupo local ou família alternativa (ROSE, 1997) à medida que questionam os problemas sociais que os cercam, como a pobreza, a marginalização, o racismo, o preconceito, o desemprego, a violência policial, fazendo-nos repensar os espaços político-sociais.

As práticas do Movimento Hip Hop, enquanto manifestações político-socioculturais, assim como de outros movimentos na década de 1970, “o blues e o rock se tornaram marcas da juventude ‘moderna’, das minorias destinadas a tornar-se maiorias, em todo país onde eram oficialmente tolerados e em alguns onde não eram” (HOBBSAWM, p.320, 1995).

O Movimento Hip Hop frente as lutas políticas socioculturais, constitui-se através de suas manifestações estéticas, uma força político-cultural de resistências diante das práticas das violências urbanas à medida que suas interações entre os atores que fazem o Movimento transpõem as fronteiras sociais e culturais preestabelecidas, por meio de articulações, num mundo exterior (o social) e o interior (o pessoal). Como aponta Giddens (2009, p. 193),

todas as sociedades são sistemas sociais e, ao mesmo tempo, constituídas pela intersecção de múltiplos sistemas sociais. Estes podem ser totalmente ‘internos’ às sociedades ou transpor as linhas divisórias entre o ‘interior’ e o ‘exterior’, formando uma diversidade de possíveis modos de conexão entre totalidades sociais e sistemas intersociais.

Nesse contexto, o Movimento Hip Hop como outras manifestações urbanas locais é marcado por intersecções sociais e culturais e “embora frequentemente excluídos e estigmatizados, estão também em sintonia com a lógica do capitalismo transnacional” (HERSCHMANN, 1997, p.66) na medida em que suas manifestações redefinem suas fronteiras no estabelecimento de práticas socioculturais em distintas partes do mundo numa ruptura contra hegemônicas do capitalismo transnacional.

É no desenvolvimento das práticas sociais e culturais redefinindo os espaços locais, numa “relação entre territórios e os diferentes arranjos socioculturais e políticos que orientam as maneiras como as pessoas representam pertencimento a unidades socioculturais, políticas e econômicas” (RIBEIRO, 1997, p.02) que o Movimento Hip Hop manifesta seus significados em articulações transnacionais entre as fronteiras dos Estado-nação, constituindo-se enquanto um ator político sociocultural no cenário internacional.

De acordo com Hall (2011, p.34) “os Estados-nação impõem fronteiras rígidas dentro das quais se espera que as culturas floresçam”, diante um processo de (re)articulações de significados local-regionais, onde demarcam-se uma emancipação de

ações sociais e culturais num processo de rupturas das fronteiras territoriais.

Desse modo as ações socioculturais constituem-se em fluxos transdisciplinares por meio de uma “série infinita de deslocamentos no tempo, às vezes alterando também o espaço, entre formas externas acessíveis aos sentidos, interpretações e, então, formas externas novamente” (HANNERZ, 1997, p.15) (re)definindo as fronteiras territórias, os grandes deslocamentos populacionais, as narrativas políticas, sociais e econômicas, etc...

À medida que o Movimento Hip Hop redefine as fronteiras territoriais, sociais e culturais local-internacional, novas articulações se (re)criam em distintas partes do mundo. Porém ainda faz-se necessário repensar novas formas de conceber olhares locais a nova forma do internacionalismo, uma vez que as teorias sociais “não são internacionais e menos ainda internacionalistas; ao contrário; [...] se há um novo internacionalismo em curso, é preciso se dar conta dele, e ver como poder ser contra-hegemônico”. (SANTOS, 2007, p. 66).

Nessa perspectiva, as manifestações culturais, precisamente do Movimento Hip Hop, manifestam-se como uma nova ordem contra-hegemônica, na medida em que suas práticas estéticas rompem suas fronteiras locais em um diálogo, onde temas como a violência urbana, econômica, social, política e cultural,

criam e sustentam um movimento rítmico de continuidade e circulação através do fluxo; que eles acumulam, reforçam e embelezam essa continuidade através da estratificação; e driblam as ameaças a essas narrativas ao construir rupturas que realçam a continuidade, desafiando as narrativas a todo instante (ROSE, 1997, p.208).

Na América Latina, autores como Poch Plá (2011), Estacio, (2011), Castro(2008), demarcam que o Movimento Hip Hop surge no período pós-ditadura militar na década de 1980. Um momento marcado por ascensão de lutas, reivindicações políticas e diversificação das questões culturais e sociais em que sobreviviam os jovens latinos americanos.

No Chile, de acordo com Poch Plá (2011) o Movimento Hip Hop se configura no início da década de 1980, através do breakdance, por influências de filmes e músicas do movimento estadunidense, além da vinda de filhos de chilenos que se encontravam exilados na ditadura do governo de Pinochet, em países da Europa e dos Estados Unidos, trazendo um novo estilo de narrativas musicais, assim o Movimento Hip Hop:

chega no Chile por influências de filmes exibidos na televisão em meados de 1980, além de alguns electro-funk soando música no rádio, e alguns dançarinos que apareceu em programas de televisão locais. Todos estes elementos convergem na juventude chilena a sentirem identificado com essa expressão que chamou a atenção das pessoas por sua forma marcante da dança; Assim começam a criar os primeiros grupos de b-boys

que cresceu breakdancing à assumi-lo como um modo de vida, projetando assim a base do que seria HipHop no Chile, que cada vez mais torna-se autônoma e independente das raízes norte-americanas a constituir a sua própria identidade cultural. O HipHop no Chile rotulou o seu próprio caminho histórico a partir dos setores populares, aonde foi recibo e desenvolveu-se de maneira impressionante. (POCH PLÁ, 2011, p.82-83).

Ao mesmo tempo em que se desenvolvia o Movimento Hip Hop no Chile também era possível perceber o desenvolvimento em outros países da América Latina, como na Argentina, no Brasil, no Uruguai, no Perú, na Colômbia, na Venezuela, no Equador e na América Central.

No Equador o Movimento Hip Hop se inicia na cidade de Guayaquil, onde “se radica en los barrios 9 de Octubre, lo que ahora se conoce como Malecón 2000 y la Bahía, esta fue en sus inicios una fusión de ritmos con el acontecer de la vida cotidiana” (ESTACIO, 2011, p.17).

Essa fusão de ritmos na vida cotidiana no Equador elucida o desenvolvimento de um estilo cultural influenciado pelos filmes estadunidenses, pois

foi o resultado de uma reprodução mimética do modelo americano. Esta reprodução foi feita na cidade por meio de cartazes que chegaram através dos filmes como *Flash Dance* e *Beat Street*. Dessa forma, se inicia um processo de aceitação dessa cultura por parte dos guayaquileños. (Idem)

Posteriormente em 1990 o Movimento Hip Hop chega a Quito, construindo uma cultura própria. Entre as correntes que se desenvolveram no Movimento Hip Hop no Equador, como a Comercial, Gangsta rap e Hardcore, uma se destaca por sua peculiaridade, que é a corrente hip hop andina, que se desenvolveu além do território equatoriano,

esta é uma proposta que nasceu no final de 2000, principalmente no Equador, Bolívia, Colômbia. Esta proposta tem como principal motivo a reivindicação de uma cosmovisão de um mundo andino. Este estilo é feito através da mistura de instrumentos andinos como a quena, a zampoña e charango, e utilizam as línguas quíchua, quechua, aymara e mapuche para desenvolver as suas expressões. (ESTACIO, 2011, p.20).

O Movimento andino no Peru, na Bolívia, no Equador e na Colômbia, vai além das fronteiras territoriais, desloca-se no uso de uma linguagem e instrumentos próprios local-regionais, na afirmação de uma identidade política e cultural. Além da vida urbana, o Movimento Hip Hop adentra com um estilo próprio na vida campesina, exemplo similar pode ser percebido na existência de um Movimento Hip Hop que faz uso de instrumentos

e linguagem próprias em uma reserva indígena Guarani no Brasil, os Brô MC's³.

Além de estar ligado desde seu início as condições urbanas, podemos ver que o Movimento Hip Hop também se constitui enquanto um Movimento de grupos indígenas, principalmente na Região Andina. Singularidade que nos revela constantemente que as fronteiras territoriais, culturais, nacionais e sociais são redefinidas em suas ações políticas.

No Brasil, o Movimento Hip Hop, se inicia na década de 1980 nas periferias das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília a partir das populações negras residentes nestes locais. O Movimento Hip Hop no Brasil se origina nos bailes black de periferias, com muito soul e funk, que se realizava no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília, a partir daí o Movimento Hip Hop começa a se desenvolver.

Entre os primeiros nomes de coletivos e/ou grupos nacionais destaca-se o grupo Racionais Mc's, Fação Central, MV Bill (Alex Pereira Barbosa), GOG (Genival Oliveira Gonçalves), Sabotage (Mauro Mateus dos Santos), Criolo (Kleber Cavalcante Gomes), Mano Brow (Pedro Paulo Soares Pereira). Neste percurso o rap ganha novos espaços e visibilidade adentrando no cenário nacional e novos nomes ganham espaço, como Ndee do Rap, Realidade Cruel, Marcelo D2, Dexter, Negra Li, Projota, Emicida, Nega Gizza, entre outros.

Antes do rap, o break do "B.Boy, Nelson Triunfo, de 45 anos, um dos responsáveis por difundir o break no país" (ROCHA; DOMENINICH; CASSEANO, 2001, p.45), ganha a cena com seu estilo próprio. Assim, como o break e o rap, o grafite demarca nos muros na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, ganhando cor as lutas e nas reivindicações políticas que passam a se expressar por meio das marcas dos grafiteiros.

À medida que as periferias dos EUA passavam por um fluxo de transformação e de reestruturações em suas condições econômicas, sociais e culturais na década de 1970, as periferias, em distintas cidades latino-americanas na década de 1980, passavam por condições similares, marcado pelo desemprego, pela violência policial, racismo e pela falta do desenvolvimento de programas sociais e culturais. (VIANNA, 1988).

É entre as décadas de 1970-80 que surge "um novo ator social juvenil: o jovem

³ Os jovens Bruno Veron, Charlie Peixoto, Kelvin Peixoto e Clemerson Batista, da aldeia Jaguapirú Bororó formam o Brô MC's, um grupo de rap Guarani. "Cantamos nosso Rap em Guarani porque é a nossa forma de resistência. Cantamos misturando as línguas português e guarani, para que os não indígenas possam ver, ouvir e sentir a nossa realidade, como de alguma forma estão envolvidos com a manutenção dessa realidade vivida nas aldeias de Mato Grosso do Sul. A língua é a primeira fronteira ou a ponte ideal pra gente trocar conhecimentos. Os Guarani se mantêm vivos pela sua cultura e por se apropriar de outras, no caso do Brô tendo o Rap como ferramenta." A entrevista foi realizada por Juliana Penha para a Revista Rap Nacional. Artigo disponível em: <http://www.rapnacional.com.br/portal/rap-nativo-o-que-o-guarani-e-o-crioulo-temem-comum/>. Acesso em 12 de agosto de 2013

das favelas, das comunidades e dos bairros populares” (ARCE, 1997, p.141). Este período é marcado pela ausência de projetos estatais sociais e culturais a uma emancipação crítica de Movimentos Sociais e Culturais frente aos instrumentos hegemônicos.

De acordo com Santos, (2007, p.65) “estamos em um contexto no qual a legalidade, direitos humanos e democracia são realmente instrumentos hegemônicos; portanto não vão conseguir por si mesmo a emancipação social; seu papel, ao contrário, é impedi-la”. Nesse contexto, faz-se necessário reafirmar a defesa e a luta das associações sociais e culturais frente aos poderes, estatais e intergovernamentais, que subjagam o seu domínio e poder, revelando suas histórias a nação a partir das condições em que estão inseridas.

Assim, o Movimento Hip Hop se faz em suas práticas estéticas uma luta política social e cultural, marcado por um fluxo que (re)define as fronteiras de Estados-nação até então preestabelecidas a uma reinterpretação da política internacional que reivindica e questiona as condições sociais, culturais, políticas e econômicas em que estamos vivemos.

Para melhor compreender o Movimento Hip Hop, trago em seguida, uma compreensão do Rap, estilo musical do Hip Hop, que se faz por um ritmo e uma poesia que transpõe nas narrações os significados culturais da vida urbana, das questões sociais, da economia, da cultura e da política.

3.3 RHYTHM AND POETRY: (RE)PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS LOCAL-GLOBAL

Para pensar as produções e as inter-relações de significados de uma estética musical, o Rap, se faz necessário compreender “as experiências pessoais, os sentimentos, as emoções, as condições sociorraciais, as de gênero, as de imigração, que perpassam a elaboração deste gênero musical”. (SOUZA, 2009, p.77). Uma vez que, as dinâmicas de significados sociais e culturais que perpassam na “narração poética” no Rap, revela-nos fenômenos das relações humanas que se cruzam num fluxo rítmico numa compreensão das práticas de associações, interações e articulações na sociedade urbana. (Idem)

O *Rhythm and Poetry*, em português ritmo e poesia, toma forma em sua abreviação através da sigla RAP, que acompanhado do *break* – dança de rua e do grafite formam o Movimento hip hop que iniciou-se na Jamaica e desenvolveu-se como berço cultural na década de 1970 nos Estados Unidos (ROSE, 1997). O rap é um estilo musical

próprio, marcado por uma tradição e influência das músicas afro-latino-americanas, pois

enquanto acontecia a febre das discotecas, nas ruas do Bronx, o gueto negro/caribenho localizado na parte norte da cidade de Nova York, fora da ilha de Manhattan já estava sendo arquitetada a próxima reação da 'autenticidade' black. No final dos anos 60, um disk-jockey chamado Kool-Herc trouxe da Jamaica para o Bronx a técnica dos famosos 'sound systems' de Kingston, organizando festas nas praças do bairro. Herc não se limitava a tocar os discos, mas usava o aparelho de mixagem para construir novas músicas. Alguns jovens admiradores de Kool Herc aprofundaram a técnica do mestre. O mais talentoso deles foi Grandmaster Flash, que criou o "scratch", ou seja, a utilização da agulha do toca-discos arranhando o vinil no sentido anti-horário. Além disso Flash entregava um microfone para que os dançarinos pudessem improvisar discursos acompanhando o ritmo da música, uma espécie de 'repente eletrônico', que ficou conhecido como RAP. Os 'repentistas' são chamados de rappers ou MCs, isto é, masters of ceremony. O rap e o scratch não são elementos isolados. Quando eles aparecem nas festas de rua do Bronx, também estão surgindo a dança break, o graffiti nos muros e trens do metrô nova-iorquino. Todas essas manifestações culturais passaram a ser chamadas por um único nome: hip-hop. (VIANNA, 1988. p.20-21).

O rap emerge de complexas trocas culturais e das desilusões sociopolíticas à produção de "diálogos interno e externo que afirma as experiências e identidades dos participantes ao mesmo tempo em que oferece uma crítica social mais abrangente, dirigida tanto à comunidade hip-hop como à sociedade em geral" (ROSE, 1997, p. 211).

Como uma manifestação estética político-cultural, o rap conduz-nos a reflexões sobre a realidade social, de modo a relacionar e diferenciar as produções e relações de significados construídos culturalmente. Os diversos fenômenos musicais, como o blues, o soul, o funk, o rock e o rap "transcendem a adscrição laboral, incorporando novas frentes de disputa e conflito das quais participam uma gama heterogênea de atores [muitas vezes com interesses opostos] que buscam influenciar a organização e as representações sociais". (ARCE, 1997, p. 160).

Como "registro da vida juvenil, o rap dá conta, por exemplo, das penúrias econômicas, dos problemas sociais, das rivalidades territoriais e entre bairros, da prevalência do racismo, das vicissitudes da vida urbana ou as diferentes faces da violência" (ARCE, 1997, p.147).

O seu espírito inicial se faz nas vivências coletivas a partir de um vínculo intercultural à reflexões sobre as relações socioculturais. Sua cultura emerge na formação de uma identidade "arraigada à experiência local e específica e ao apego a um status em um grupo local ou família alternativa. Esses grupos formam um novo tipo de família, forjada a partir de um vínculo intercultural". (ROSE, 1997, p.202)

O rap marca em sua formação uma tradução às tradições negras fertilizadas na diáspora, através de um fluxo que vai além das fronteiras territoriais, (re)definindo às estratificações e rupturas políticas de seu pertencimento local na medida em que nos

conduz à reflexões sobre a realidade humana.

Os rappers constituem-se enquanto agentes de desenvolvimento de um ritmo e uma linguagem própria, que juntos “ao uso da tecnologia musical são aspectos cruciais no desenvolvimento e no uso pelo hip-hop, sendo que essa combinação foi fundamental para evolução geral do movimento” (ROSE, 1997, p.194-5). As narrativas poéticas quando faladas, possuem em sua oralidade acompanhado da trilha sonora,

um movimento rítmico de continuidade e circulação através do fluxo; que eles acumulam, reforça e embelezam essas continuidades através da estratificação; e driblam as ameaças a essas narrativas ao construir rupturas que realçam a continuidade, desafiando as narrativas a todo instante.(Idem, p.208).

É nesse movimento rítmico de circulação através de um fluxo, marcado por rupturas sucessivas, que os significados das narrativas poéticas transcendem as fronteiras musicais ao apego das experiências locais, na medida em que “a aceleração de certas passagens, sempre se deslocando de acordo com a batida ou em repostas a ela, é um elemento que constantemente compõe a estrutura deste tipo de música”. (ROSE, 1997, p.208).

As experiências dos rappers a partir de seu apego local criam significados que transcritos em suas narrativas poéticas por meio de suas escolhas lexicais⁴, deslocam-se em rupturas sucessivas de acordo com a batida rítmica, criando uma estratificação de significados a uma crítica social as mazelas da vida urbana. Nesse sentido, a composição da narração discursiva centraliza um maior peso no próprio significado da palavra rap, conforme coloca Souza (2009, p.105):

O próprio significado do rap enquanto música concentra um peso maior na composição da letra, ou seja, na construção de uma narrativa discursiva. Um rapper não necessariamente possui algum conhecimento de teoria musical clássica, ou precisa saber tocar algum instrumento musical. O que para alguns gêneros musicais é fundamental, ou seja, dominar um instrumento musical, no rap este cenário muda. Conhecimento que pode ser facilmente questionado, já que estes rappers possuem outras teorias musicais que vêm de suas experiências familiares, pessoais, comunitárias, em terreiros de umbanda e candomblé, rodas de capoeira, baterias de escolas de samba, igrejas evangélicas.

Nesse contexto, percebemos que as escolhas lexicais do rappers transparecem seus valores e hábitos culturais, às suas maneiras de ver e sentir o mundo em que estão inseridos. Assim, as relações sociais e culturais da vida urbana dos rappers transpõem por meio de seus discursos nas narrativas poéticas do Rap, “a maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura”. (OLIVEIRA; ISQUIERDO, 2001, p.09)

⁴O termo léxico é entendido como o conjunto de palavras de uma língua. (OLIVEIRA; ISQUIERDO, 2001)

As estruturas rítmicas do rap constitui-se como “resistência e afirmação social: criam, sustentam, acumulam, estratificam, embelezam e transformam as narrativas, [...] de forma criativa, como se fossem organizadores de um futuro em que, para sobreviver, é necessário executar transformações repentinas no espaço táctico”. (ROSE, 1997, p.208). E para compreender a gênese social dos espaços tácticos em que habitam os coletivos do rappers, se faz necessário,

apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 1989, p.69).

Nesse sentido, as relações de atores na formação dos espaços sociais no Movimento hip hop, se fazem a partir de visões e princípios de significados construídos culturalmente, uma vez que,

os ‘sujeitos’ são, de fato, agentes que atuam e que sabem, dotados de um senso prático [...], de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O habitus é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação. (BOURDIEU, 1994, p.42).

Diante deste contexto, a ação coletiva de jovens rappers afro-latino-americanos no berço da cultura hip hop (ROSE, 1997, p.199) foi forjada em seu habitus à emancipação de um terreno político contra-hegemônico frente ao desenvolvimento pós-industrial. O Movimento hip hop constitui em suas estéticas – o *break*, o *graffite* e o *rap* – identidades alternativas frente a lógica do sistema capitalista.

O rap está orientando numa perspectiva diaspórica de uma cultura de “subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação”. (HALL, 2011b, p.36). Em seu estilo e atitude, o rap redefine em suas narrações o espaço-tempo numa dinâmica cultural de reinterpretção da globalização onde as “disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais”. (Idem).

As identidades no rap evocam em seu espírito inicial, por meio de sua linguagem e seu ritmo, processos culturais que “operam dentro de uma referência diferente de tempo e espaço, um cronotopo distinto – no tempo da *différance*” (Idem, p.37), fazendo com que as tradições culturais fertilizam umas às outras redesenhando os seus poderes simbólicos à fragmentações de significados globais.

Assim como outros elementos estéticos culturais locais, o rap transgride os seus

limites políticos enraizados em seu berço cultural à sua diáspora originária. Uma vez que tem sua origem nas práticas de deslocamentos e disseminação de novas formas culturais da diáspora negra.

Como em múltiplas formas culturais, as fronteiras dos Estado-nação são redefinidas em um movimento de passagens de significados que deslizam às margens das fronteiras simbólicas uma heterogeneidade cultural. O local é reinterpretado diante as suas condições referenciadas em sua esfera política a um agenciamento de significados políticos sociais e culturais globais.

Para tanto, as relações no plano internacional, “através de um processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival” (SANTOS, 1995, p.21), coloca-nos diante das diferenças de uma dependência no capitalismo global.

Nesse contexto, o rap através de sua linguagem se faz enquanto uma agência política cujo meio é intermediar, desenvolver ações e mostrar as múltiplas faces da cultura, da política, da sociedade, do Estado, do sujeito. A estética linguística do rap, leva-nos a entender, compreender e transformar os debates tradicionalistas e modernistas a uma nova maneira de relacionar conhecimento e consciência humana, ampliando os diálogos e métodos de saberes a fim de reconhecer as suas diferenças e as práticas de silenciamento.

A criação de outras maneiras de compreender e articular conhecimentos, práticas e sujeitos coletivos “se baseia na ideia central de que não há justiça social global sem justiça cognitiva global, ou seja, sem justiça entre os conhecimentos”. (SANTOS, p.41, 2007).

É rompendo as fronteiras culturais que as vivências e práticas coletivas, precisamente dos rappers, emergente de uma cultura marginalizada e estigmatizada, consegue transpor através de suas escolhas lexicais em suas narrativas musicais respostas às necessidades políticas locais e globais.

Registrar a realidade constitui-se em narrar as vivências e experiências, ordenando os elementos culturais diários numa classificação de palavras através de sua própria escolha discursiva em dar nome a todo o seu processo de cognição da realidade. Para Souza (2009),

a música entre os rappers pode ser percebida a partir de um “estar no mundo”. Segundo eles, *cantam a realidade em que vivem* e este relato é permeado por sentimentos e a música surge das experiências que narram. Eles compõem um gênero musical que é fruto de sua percepção do mundo. Falam do contexto e das necessidades que geram esta música e da função que esta tem. Ao cantarem a *realidade*, relatam sua forma de

ver o mundo no qual se encontram e a música funciona como uma espécie de comunicação que denuncia uma realidade de insatisfação, ao mesmo tempo em que estabelecem uma relação de proximidade com o que está sendo cantado. (SOUZA, 2009, p.106-107).

Nesse contexto, as manifestações linguísticas assim como as manifestações musicais no rap produzem uma construção estética bem mais complexa, onde narram através de uma batida rítmica, suas trajetórias de vida, suas condições sócio-culturais, suas percepções e conhecimentos produzidos na realidade em que vivem. As narrativas musicais, através dos signos em seus conceitos entrecruzados aos seus significados constituídos nas relações sociais no contexto urbano passar a refletir-nos uma visão de mundo, de ideologia, de sistemas de valores e de práticas socioculturais, na medida em que nos propõe uma desconstrução e conseqüente redefinição de olhares culturais.

Assim, a produção das ideias e suas representações na linguagem do rappers constitui-se como uma tradução de vivências e experiências nestes jovens. Dessa forma, o Movimento hip hop emerge diante dos fenômenos da globalização fazendo uso de mecanismos do sistema capitalista como instrumento de resistência e poder, “transformam absolutas habilidade vocacionais, por meio de uma utilização ‘marginal’ da matéria-prima, em um exercício de criatividade e resistência”. (ROSE, 1997, p.203).

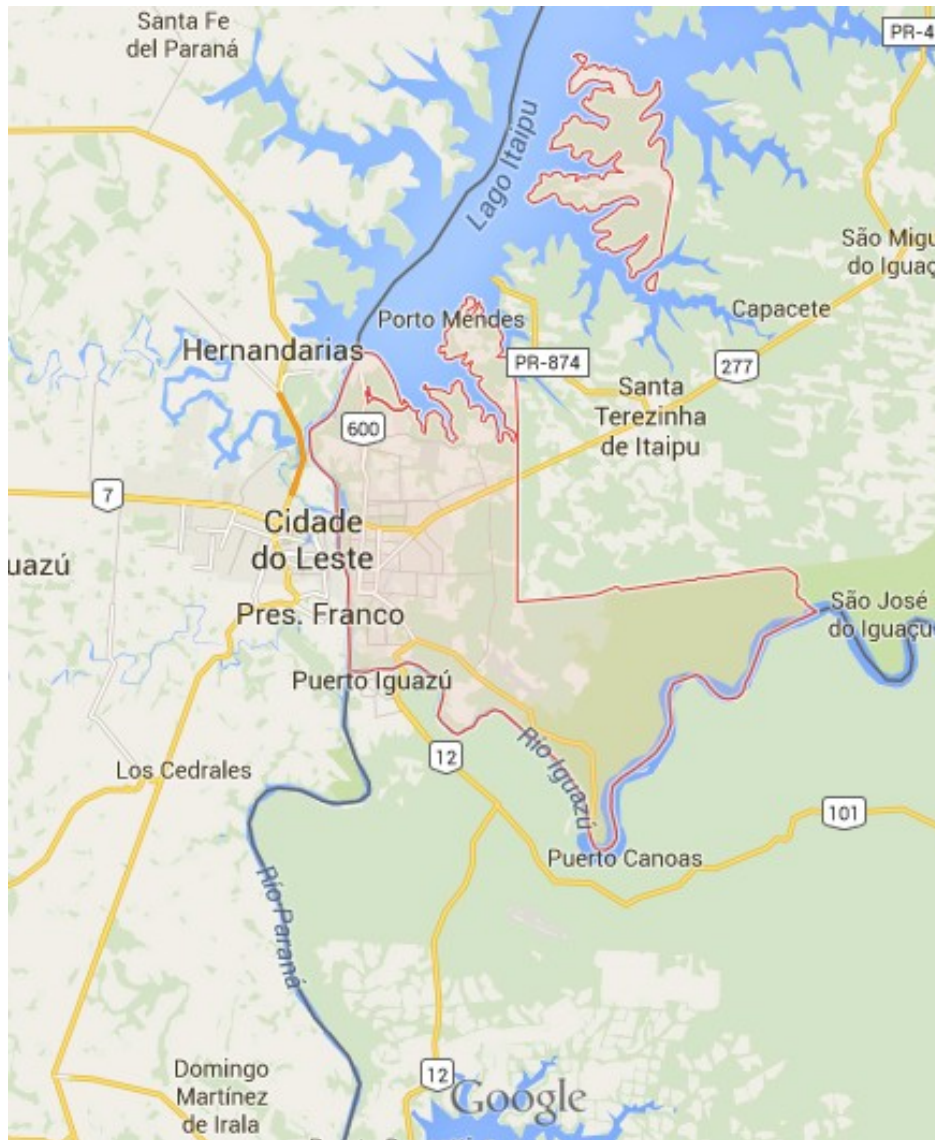
4 NARRAÇÕES E REPRESENTAÇÕES: A ESTÉTICA POLÍTICO-SOCIOCULTURAL DO RAP (RE)DEFININDO FRONTEIRAS

4.1 O CONTEXTO URBANO E SUAS FRONTEIRAS

O Movimento Hip Hop consagrou seu berço cultural nos Estados Unidos, desenvolvendo-se em bairros de periferias, onde as pessoas confinadas a conviverem, por imposição econômica, social e/ou cultural, fazem de suas relações um apego familiar à formação de suas comunidades locais. (ROSE, 1997) Para compreendermos o desenvolvimento do Movimento Hip Hop, se faz necessário compreender as dinâmicas do seu contexto social, cultural, político e econômico em que se faz suas práticas estéticas. Uma vez que o discurso no rap, consiste numa narração da realidade social em que os rappers encontram-se inseridos.

Dessa forma, o contexto urbano a ser compreendido nesse trabalho é a cidade de Foz do Iguaçu, que está localizada na região oeste do estado do Paraná – Brasil. A cidade situa-se entre o Rio Iguaçu e Paraná, fazendo divisa com a cidade de Puerto Iguazú na Argentina e Ciudad Del Este – Paraguay. Para uma melhor visualização sobre a cidade, segue abaixo um mapa da região territorial de Foz do Iguaçu:

Figura 1 – Cidade de Foz do Iguaçu



Disponível:<https://www.google.com.br/maps/place/Foz+do+Igua%C3%A7u,+PR/data=!4m2!3m1!1s0x94f6983de5db79bb:0x920b68c585cac349sa=X&ei=LwSMVbSFJmuggT6m66gBw&ved=0Cl0BEPiBMB-A>

Inserida numa região de fronteira entre Estados-nação, Foz do Iguaçu-BR revela-se no cenário internacional por suas belezas do mundo natural e do mundo moderno. A cidade recebe em média quase de 2 milhões de turistas por ano em seus principais pontos turísticos, que são as Cataratas do Iguaçu, dentro do Parque Nacional do Iguaçu, e na Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional (Brasil – Paraguay). Este dois pontos turísticos revelam-se por suas belezas assim como pelas suas transformações sociais, culturais e econômicas em Foz do Iguaçu. Ambos revelam-nos a partir dos seus significados e de suas interações com contexto urbano da cidade, o progresso e desenvolvimento de Foz do Iguaçu assim como as faces de divisões e segregações social-econômicas das mazelas da vida urbana iguaçuense.

Além do turismo, a cidade de Foz do Iguaçu congrega, de acordo com o Observatório da Tríplice Fronteira (Brasil, Argentina e Paraguay) uma média de 72 etnias,

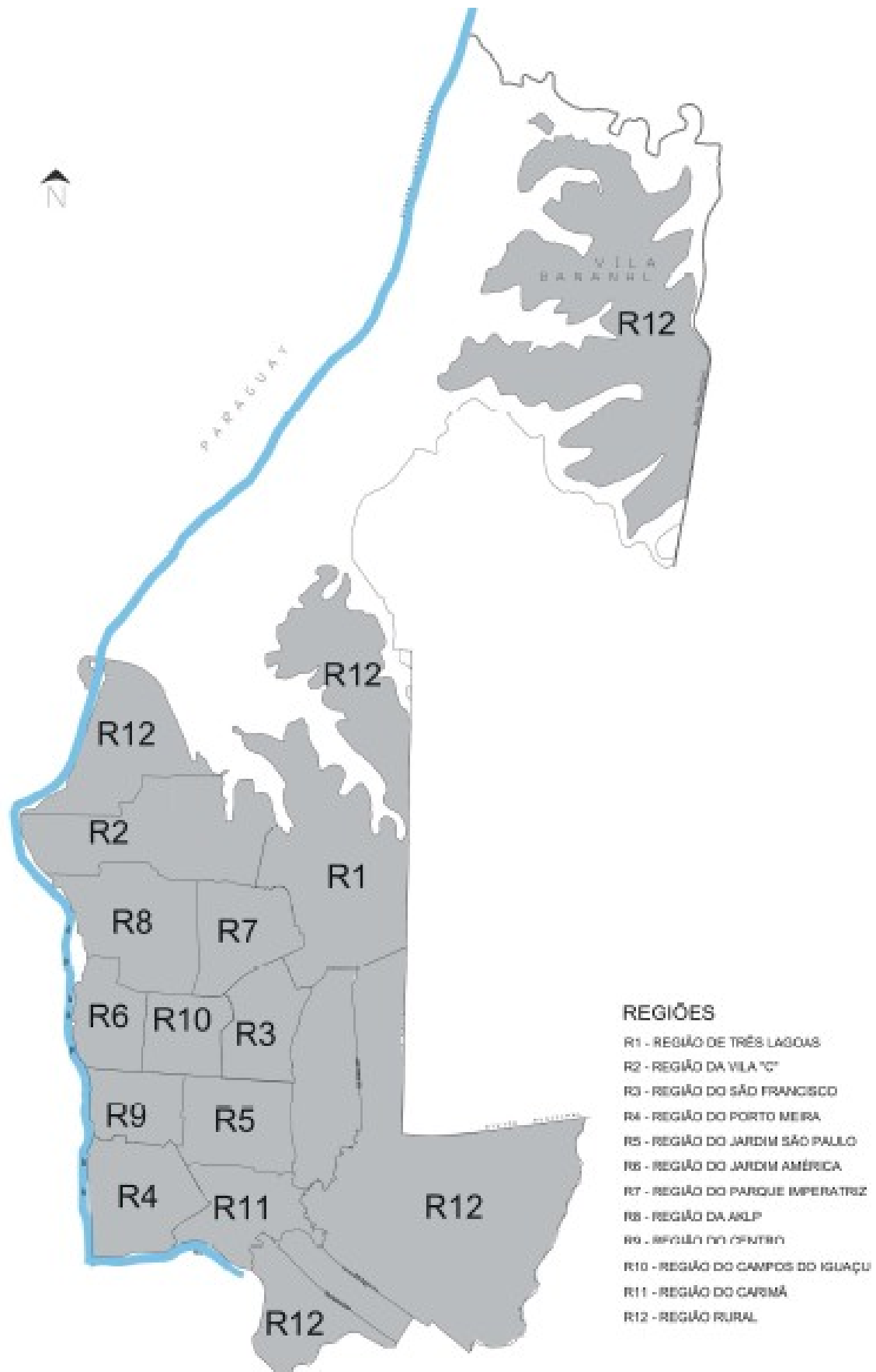
entre elas estão os árabes, os turcos, os libaneses, os palestinos, os chineses, os japoneses, os portugueses, os espanhóis, os poloneses, os ucranianos, os alemães, os italianos, os afrodescendentes, os indígenas, etc.

Além de suas atrações turísticas, a cidade de Foz do Iguaçu revela-se também por seu contexto de região de fronteira, o contexto trinacional (Brasil – Foz do Iguaçu, Argentina – Puerto Iguazú e Paraguay – Ciudad Del Este). Diante das divisas do Rio Iguaçu e o Rio Paraná, Foz do Iguaçu recebe milhares de pessoas que vem todos os dias, das mais diversas partes do país para fazerem compras em Ciudad Del Este no Paraguay, considerada como o terceiro maior centro comercial do mundo, perdendo para Miami nos Estados Unidos e Hong Kong na China. Este comércio atrai milhares de moradores de Foz do Iguaçu a cruzarem todos os dias a Ponte da Amizade para trabalharem no comércio local de Ciudad Del Este – PY.

A cidade desenvolve sua economia a partir do seu turismo assim como numa ligação ao centro comercial no Paraguay. Desse modo, as dinâmicas sociais e suas transformações no contexto urbano iguaçuense revelam num “conjunto de variáveis econômicas, culturais, políticas, etc. que a cada momento histórico dão uma significação e um valor específico ao meio técnico criado pelo homem, isto é, à configuração territorial”. (SANTOS, 2014, p.120).

Nesse contexto a configuração territorial de Foz do Iguaçu, “isto é, o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do homem, por meio dos sucessivos ‘sistemas de engenharia”, (SANTOS, 2014, p.119) foi dívida para efeitos administrativos, em 12 regiões homogêneas, sendo: R-01 – Região de Três Lagoas: População Estimada: 29.237 habitantes; R-02 – Região da Vila “C”: População Estimada: 37.678 habitantes; R-03 – Região do São Francisco: População Estimada: 48.830 habitantes; R-04 – Região do Porto Meira: População Estimada: 40.390 habitantes; R-05 – Região do Jardim São Paulo: População Estimada: 17.784 habitantes; R-06 – Região do Jardim América: População Estimada: 15.965 habitantes; R-07 – Região do Parque Imperatriz: População Estimada: 16.578 habitantes; R-08 – Região da KLP/Vila “A”: População Estimada: 27.128 habitantes; R-09 – Região do Centro/V.Yolanda: População Estimada: 36.170 habitantes; R-10 – Região do Campos do Iguaçu: População Estimada: 24.111 habitantes; R-11 – Região do Carimã: População Estimada: 4.525 habitantes e R-12 – Região Mista-leste (Sul/Leste), Norte e Bananal: População Estimada: 3.013 habitantes. Para uma melhor forma de perceber essa divisão regional da cidade, abaixo segue um mapa feito pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu (2006):

Figura 2 – Divisão regional da cidade – 12 regiões



Disponível em: Plano Diretor de Foz do Iguaçu (2006)

Os dados da contagem populacional mencionada acima refere-se ao ano de 2006, no contexto atual Foz do Iguaçu possui uma população total: 256.088, sendo pretos: 9.170 e pardos: 80.366, num total da população negra na cidade de 89.536, de acordo com o IBGE (2010). Trazer à luz dados quantitativos a partir da divisão por regiões, assim como o balanço geral de sua classificação étnico-racial, permite olhar para seu contexto multicultural, e perceber um número significativo de pessoas negras na região sul do Brasil.

Outro dado importante para pensar Foz do Iguaçu é a partir das 12 regiões apresenta acima, o processo de divisão territorial e populacional. De acordo com Departamento de Informação da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu no ano de 2005 a cidade possui um total de 301.409 mil pessoas, e considerado o seu contexto atual de acordo o censo do IBGE em 2010, percebemos um total populacional de 256.088 mil pessoas à uma perda populacional de 47.321 mil pessoas. Dessa forma, percebermos que diante das transformações sofridas a partir do ano de 1980, vive-se um processo migratório de parte de sua população para outras partes do país e de reestruturação geopolítica da cidade de Foz do Iguaçu, sendo assim podemos elencar vários eventos que ocasionam esse processo de transformação. A cidade de Foz do Iguaçu, fundada em 10 de junho de 1914, desenvolve-se mediante expedições militares, num processo de demarcação territorial. Sua formação inicial se dá em torno de uma colônia militar, o que nos dias atuais refere-se ao 34º Batalhão de Infantaria Motorizado (34º BIMtz), localizado na parte central da cidade. Desde então, a cidade de Foz do Iguaçu desenvolve-se em torno do batalhão, um símbolo de referência de estruturação e demarcação territorial para a cidade. (LIMA, 2001)

Dentre os acontecimentos do contexto urbano iguaçuense, percebemos uma dinâmica de transformação social, econômica, cultural e política da cidade diante de sua fundação e organização espacial às suas relações estruturais de infraestrutura, transporte, comunicação e comércio. Para isso acontecer, as primeiras vias de acesso a Foz do Iguaçu se fez através do Rio Paraná e o Rio Iguaçu, o que devido o seu processo de colonização e expansão, levou a construção de sua primeira via de acesso terrestre, conhecida como Estrada Velha de Guarapuava (1920), mais tarde da BR-277 (1969) e depois do Aeroporto Internacional das Cataratas (1974). Diante essas dinâmicas de transformações estruturais de infraestrutura para acesso à cidade Foz do Iguaçu, destaca-se também a Criação do Parque Nacional do Iguaçu (1939), a inauguração da Ponte da Internacional da Amizade que liga Brasil e Paraguai (1965), a inauguração da

Ponte Internacional da Fraternidade que liga Brasil e Argentina (1985), como meio de acesso e transformação estrutural de seu comércio. (LIMA, 2001).

A criação do Parque Nacional do Iguaçu (1939) inicia-se num processo de desenvolvimento turístico na cidade, assim como para seu contexto trinacional mais tarde. Com a criação da Ponte da Internacional da Amizade que liga Brasil e Paraguay, potencializa-se o comércio de Foz do Iguaçu com a cidade paraguaia de Puerto Presidente Stroessner (atual Ciudad del Este). Mais tarde, em 1985 a construção da Ponte Internacional da Fraternidade forma as vias de acesso entre os três Estados-nação à uma conjuntura de inter-relações sociais, políticas, culturais e econômicas mais sólidas. Esse processo de estruturação de Foz do Iguaçu, atrelado ao seu turismo entra num novo ciclo a partir de 1974 com a implantação da usina Hidrelétrica de Itaipu. No entanto, a construção da usina revela na história da cidade, fortes impactos, econômicos, social, cultural, tecnológico e político.

A construção da Hidrelétrica de Itaipu, desenvolve um marco migratório de pessoas de diversas partes do país para o canteiro de obras da usina, onde o ápice de sua construção, atingiu cerca de 40.000 trabalhadores. Vive-se durante a construção da usina um processo de eclosão populacional em Foz do Iguaçu, na medida em que cidade se expande com a criação de bairros e redes comerciais, lojas, bares, restaurantes, indústrias locais. (LIMA, 2001).

A usina de Itaipu cria como forma de estruturar e otimizar a construção de três bairros para abrigar as pessoas que trabalhavam no seu canteiro de obras, sendo a Vila A, Vila B e Vila C. O bairro Vila C abrigava a classe operacional da usina, enquanto que no bairro Vila B estavam os engenheiros e diretores e o bairro Vila A abrigava a classe média, como os técnicos, gerentes e supervisores.

Dessa forma, além da proposta de produção de energia a partir de Itaipu a usina cria também uma divisão de classe na cidade. Os dados do IBGE, apresentam que em 1970 Foz do Iguaçu possuía 33.966 habitantes na medida em que passou a ter, 136.321 em 1980 com a construção da usina de Itaipu. Se comparada à população de 1960 (28.212 habitantes), registrou-se um crescimento de 383% no total da população do Município em apenas 20 anos. De acordo com Lima,

todo esse crescimento trouxe transformações no quadro urbano do Município, acarretando elevada demanda nos serviços públicos e privados, não só para a construção da usina, bem como para satisfazer às necessidades dos próprios trabalhadores e de suas famílias, que atraídos pela oferta de emprego, devido ao porte da obra, para cá se mudavam. Para o suprimento de toda a demanda, estabeleceu-se um mercado em potencial, que criou inúmeras novas empresas, principalmente para atender a Itaipu, sua principal cliente. (LIMA, 2011, p.103-104).

Diante desse fenômeno de transformação as demandas de serviços públicos e privados aumentam assim como inicia-se um período de exploração no turismo de compras em Ciudad Del Este – PY, aumentado gradativamente. Porém este centro comercial vive diante transformações, isso porque a moeda de comprar é o dólar, e devidos as transformações econômicas dos EUA, implica-se diretamente nos altos preços no centro comercial do Paraguay. Assim como em 1974 inicia-se a um período de transformação espacial, econômico e social em Foz do Iguaçu, em 1983 foi inaugurada a da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

A construção da usina nos revela uma verdadeira transformação no desenvolvimento de Foz do Iguaçu, assim como o término da construção e inauguração da usina revela-nos uma transformação de desequilíbrio a sua população, fazendo milhares de pessoas terem que se deslocarem novamente para outros canteiros de outras cidades no país. Uma dinâmica social de transformação nas relações estruturais na vida urbana tanto da cidade de Foz do Iguaçu assim como no seu contexto trinacional. Dessa forma, também percebemos que há uma grande fixação de pessoas que vieram trabalhar na construção da usina e ficaram em Foz do Iguaçu, porém diante de uma economia voltada para o turismo, muitas dessas pessoas acabam buscando trabalho no Paraguay, um processo de deslocamento de milhares de pessoas. Nesse contexto, para Lima,

a Itaipu Binacional teve um papel preponderante na história econômica, política e social desta cidade, pois o crescimento e a prosperidade deve-se muito a ela. Em compensação deixou um legado de violência e miséria. Violência que começou com as desapropriações das terras alagadas pelo lago de Itaipu, cujos proprietários tiveram seus bens desapropriados a preço, em alguns casos, vil, gerando revoltas dessas desapropriados, pelos muitos desempregados que circulam pela periferia de nossa cidade, com a criação de bairros desestruturados socialmente, mal que perdura até os dias de hoje. Esses bairros foram criados porque iniciaram-se as demissões graduais nas obras da usina a medida que ela ia sendo concluída. Os peões que por aqui já viviam a mais de dez anos, perdiam o vínculo com seus locais de origem e por aqui ficavam na esperança de continuar a manter o padrão de vida adquirido enquanto eram empregados da Itaipu. A realidade foi outra. Até a vinda da Itaipu Binacional, a cidade não conhecia favela e não ser pelas telas de cinema e da televisão. (LIMA, 2001, p.104).

Diante de uma transformação econômica no Brasil e com o término da construção de Itaipu, vive-se um período de redistribuição populacional na cidade de Foz do Iguaçu, diante de uma economia informal e da alta taxa desemprego. Um período de agravamento social em seus setores públicos assim como impactos significativos nos modelos de produção econômico local. Desde então, diante as dinâmicas da economia global percebe-se suas graves interferências nas relações econômicas e sociais tanto em Foz do Iguaçu – BR, como também em Ciudad Del Este – PY, pois parte da população iguaçuense sobrevive do trabalho no Paraguay, assim como uma parcela significativa

depende do turismo. Se há uma taxa de inflação interna alta, entrelaçada as dinâmicas do dólar na economia global, a cidade recebe um número menor de turista, o que deixa vários segmentos (hotéis, pontos turísticos, restaurantes, bares) sem recursos para empregar a população iguaçuense. assim como o comércio paraguaio diminui.

Dessa forma, condicionado numa dinâmica entre a economia local-regional, as relações sociais de Foz do Iguaçu se ressignificam numa reorganização cultural, espacial e comercial da cidade. Nesse contexto, para Lima,

o turismo vêm sofrendo por força da repressão da polícia e da receita federal contra os muambeiros. O comércio exportador da Ponte da Amizade foi totalmente sufocado pelo Mercosul, resultando na falência das empresas exportadoras. O Jardim Jupira, bairro exportador ao lado da Vila Portes transformou-se numa cidade fantasma, com meia dúzia de lojas que teimam em sobreviver na esperança de novos tempos. (LIMA, 2001, p.121).

4.2 MOVIMENTO HIP HOP EM FOZ DO IGUAÇU: NARRAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Compreender o contexto urbano e suas faces de organização econômica, política, cultural e social revela-nos olhares das relações e desenvolvimento dos acontecimentos e fenômenos da vida cotidiana. Dessa forma, o contexto urbano de Foz do Iguaçu apresentado acima, possibilita-nos visualizar um processo de formação, estruturação e de desenvolvimento das relações sociais, importante para a compreensão deste cenário da região de fronteira. Assim, as considerações das dinâmicas de transformação de Foz do Iguaçu, redefinem-se nas manifestações políticas que se fazem nas relações culturais do seu contexto urbano.

As práticas do Movimento Hip Hop marcam uma resistência tanto política, como social e cultural frente as ações hegemônicas do Estado moderno. Uma reexistência política de fluxo de significados que revelam-nos em suas manifestações a capacidade da ação social na sociedade global. (SOUZA, 2011).

Nesse contexto, o rap estilo musical do Movimento Hip Hop, revela-nos na construção de suas narrativas, um fluxo de interações de significados e de representações das ações da vida cotidiana, a partir do seu contexto cultural, trazendo à luz uma crítica as faces de dominação e opressão social construída ao longo da história. Na medida em que os moradores de comunidades, bairros, favelas, ocupações e morros reconhecem sua capacidade de luta e seu poder político de transformação social levantam-se através de práticas estéticas políticas, por meio da música, da dança, da arte, em movimentos sociais e culturais.

As estéticas políticas (*o rap, o break e o grafite*) questionam e debatem as realidades sociais e culturais, a partir das relações sociais e culturais em nível local e

regional. Para tanto, a partir da compreensão do contexto do Movimento Hip Hop e suas práticas, principalmente a partir do Rap, se faz necessário um estudo específico e localizado para uma melhor compreensão e enriquecimento das ações constituídas no contexto social em que estão inseridos.

Como recorte de abordagem entre as práticas do Movimento Hip Hop, utilizamos o Rap, estilo musical que lança novos debates e questionamentos sobre as populações afro-latino-americanas, tanto em contextos nacionais, como no âmbito local. Como ocorre na região da fronteira, em Foz do Iguaçu – Brasil, Ciudad Del Este – Paraguai e Puerto Iguazú – Argentina.

Para compreender os trajetos e percursos das articulações do Rap na geopolítica iguaçuense, um fluxo de articulações na formação de uma rede de significados traz à luz intersecções das interações das unidades sociais e culturais ao longo da história da cidade de Foz do Iguaçu e do próprio Movimento Hip Hop.

O Rap iguaçuense, entrelaçado por seu ritmo e sua poesia, ressignifica a cidade de Foz do Iguaçu na medida em que suas dinâmicas urbanas revela-nos um outro olhar da sua política-social e cultural das relações humanas. Nesse sentido, estar presente nos espaços por onde percorre o rap iguaçuense torna-se possível perceber as transformações de um processo de metamorfose das redes de significados construídas socioculturalmente. (SANTOS, 2014)

O viver urbano a partir das experiências e suas relações constituídas nas narrativas poéticas do rapper iguaçuense permite conceber uma configuração espacial por onde os fluxos de significados perpassam em suas interações à formação territorial e/ou espacial e suas fronteiras.

Dessa forma, o processo de estruturação, formação e desenvolvimento da cidade de Foz do Iguaçu, a partir de sua configuração territorial e suas dinâmicas sociais, cria um sistema de rede urbana, fundamental para a sua organização e suas dinâmicas de relações sociais, “pois assegura a integração entre fixos e fluxos, isto é, entre a configuração territorial e as relações”. (SANTOS, 2014, p.120).

Dessa forma, percebemos que os fluxos de articulações do Movimento Hip Hop, a partir do Rap iguaçuense traz à luz um olhar sobre o processo de (re)configuração territorial às suas dinâmicas sociais no contexto de fronteira trinacional.

Nesse contexto, a partir de um olhar do Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu nos espaços virtuais, percebe-se que o rapper Mano Zeu, morador do bairro Cidade Nova em Foz do Iguaçu, manifesta-se com forte frequência a partir de suas narrativas musicais, vídeos e documentários. O rapper Mano Zeu amplia uma compreensão do Movimento Hip Hop local através diálogos, entrevistas, participações em eventos, assim como visitas em

sua casa, onde nos apresentou vasto material sobre o Movimento Hip Hop iguaçuense. A partir desse contato estabelecido, Mano Zeu tornou-se um importante interlocutor da pesquisa e mediador de novos contatos com os outros rappers. Assim, suas narrativas revelam experiências e interpretações a partir do seu viver urbano, que vai além das fronteiras territoriais da cidade de Foz do Iguaçu, à Ciudad Del Este – Paraguai e Puerto Iguazú – Argentina. A narração do rapper Mano Zeu sobre os percursos do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu amplia debates e novos conhecimentos sobre do Movimento local na medida em que novos diálogos são estabelecidos.

Nos deslocamentos que faz o Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu, a cidade ganha forma, cor e significado, por meio das articulações, performances e ações estéticas do rap, do grafite, do break. A produção e materialização de documentários, vídeos, eventos e performances permite desenvolver e fomentar a história do Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu e repensar os seus significados em suas dinâmicas espaciais, sociais e culturais em diferentes momentos.

O rap iguaçuense marca uma trajetória poética à uma compreensão de fluxos entre atores locais às rupturas de significados individuais e coletivos em suas relações. As narrativas poéticas no Rap, são elementos registrados na memória que apoiam-se num resgate de suas experiências à interpretações de suas vivências. Nesse sentido, o uso de histórias orais revela-se como importante fonte de compreensão das percepções da realidade. De acordo com Garrido (1993, p 39):

Um dos aspectos mais interessantes do uso de fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos, mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu. É de importância capital resgatar a subjetividade, mas é um grave erro passar a confundir-la com fatos objetivos. Esta aproximação crítica ao testemunho oral consegue-se mediante dois procedimentos de caráter interativo: um, com a documentação escrita existente, e outro, com o resto do corpus de documentos orais. Daí a importância de se estabelecer uma relação dialética entre os diversos tipos de fontes.

A consciência das recordações construídas a partir das vivências dos grupos de rappers nas entrevistas realizadas com o grupo Mandamentos da Rua, Grupo 5º Naípe e com o rapper Mano Zeu trazem elementos de um passado onde a história redefine percepções do presente à revelar a insurgência de agentes de resistência político-social que estão postos à margem da sociedade. As multiplicidades de memórias compõem um mosaico, onde a história do Movimento se (re)faz entrelaçada a história da cidade.

Desse modo, as recordações dos atores que fazem Movimento Hip Hop expressam por meio de suas trajetórias de vida uma resistência às violências e opressões sociais e culturais construídas ao longo de suas histórias. Nesse sentido, os diálogos estabelecidos, as entrevistas, as participações no circuito que estabelecem e as

observações sobre a vida dos rappers revela-nos percepções sobre o contexto urbano e seu processo de formação e desenvolvimento do Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu.

As primeiras articulações do Movimento Hip Hop na cidade de Foz do Iguaçu, ocorrem por influência do rap nacional, que chega na cidade na passagem de 1990 para 1991 através dos discos e fitas cassetes. Para Mano Zeu (2011) o rap:

chegou para mim, não pela mídia, mas pela rua, amigos que me passaram umas fitas das músicas, dos Nacionais e alguns Rap do Brasil. O Funk veio para mim através da mídia, e o Rap chegou até mim, em um outro circuito, que foi o circuito da rua, de ir na casa de um amigo, e eles estar escutando. Uma coisa engraçada que até então, era uma música muito particular ouvir o Rap, e eu ouvia escondido. Eu estava em casa ouvindo música, e alguém chegava, eu corria rápido e trocava de música, trocava o Rap por um Samba ou por um Rock ou por um próprio Funk né. Eu tento buscar em minha memória, mas parecia que era um receio de que, o pessoal iria falar “pô”! Porque até então, as músicas que chegam dos Racionais, falavam de coisas de que, por mais que o Samba e o Funk falavam, falava de uma outra forma. O Rap era muito direto nas questões da criminalidade, do racismo, e como chegou para mim de uma forma que parece escondida. “Oh, escuta isso aqui, que tu vai gostar!” E não chegou de uma forma aberta em mídia, ou num evento, ou quando tinha muito público, eu comecei a ouvir num muito particular meu, assim em casa, e as vezes até cuidando para minha mãe não ver que eu estava ouvindo, os meus irmãos. Até que um dia, eu achava que a única pessoa que curtia, era eu e essas pessoas que me passaram essa música né, então tem muito escondido, isso na década de 90 ainda, até que um dia chegou um rapaz, e não deu tempo de eu trocar a música, e ele tal, você tá curtindo isso aí, Racionais já é, eu também gosto e tal. Eu comecei a identificar que outras pessoas também gostavam desse tipo de música, gostavam de ouvir.

Na medida em que o rap ganha novos espaços no cenário nacional, um momento de articulações e encontros de pessoas que identificavam-se com esse gênero na cidade de Foz do Iguaçu ampliava-se continuamente. O Movimento Hip Hop se faz por ações estéticas isoladas em distintos espaços da cidade, onde somente após o ano de 2000 frente o fenômeno da globalização, cria-se um circuito a formar o Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu.

Entre os anos 1998-2000, tornam-se mais visíveis as articulações das ações isoladas de jovens iguaçuense na formação de coletivos e grupos de rappers na cidade de Foz do Iguaçu. Essa visibilidade se revela na divulgação e realização de eventos em diferentes pontos da cidade, que serão aprestados abaixo, na medida em que os rappers passavam a estabelecer contatos e a iniciar um fluxo de significados coletivos. Durante os percursos de articulações as barreiras de relações sociais entre os atores que fazem o Movimento Hip Hop iguaçuense são redefinidas na medida em que novos coletivos e grupos se (re)criam, a partir de suas afinidades nos modos de verem e sentirem o mundo em que estavam inseridos. Assim, o ritmo e a poesia ressignificam essas interações assim como as percepções e narrações de quem produz o rap.

É possível perceber que nos fluxos de articulações do Rap iguaçuense, o conjunto da história se forma por meio de práticas isoladas do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu, devido a falta de interação e de contato com outras pessoas que também curtiam e admiravam este gênero musical antes do ano 1998. Porém, com a ascensão do rap nacional, as rearticulações de intersecções das práticas até então isoladas do rap, reorientam-se em diferentes lugares em Foz do Iguaçu e surgem os primeiros coletivos de rappers. Em 1998 surge o grupo de Rap Mundo Iguaçu, em 1999 os grupos Enquadro Verbal e Aliados da Periferia. No ano 2000, surge os primeiros Movimentos coletivos. O coletivo MH2I (Movimento Hip-Hop Iguaçuense) e a Banca CDR (Cartel do Rap) passam a difundir o Movimento hip-hop na cidade, uma emancipação de uma resistência à reexistência de práticas políticas. (SOUZA, 2011).

O Cartel do Rap foi o maior responsável pela divulgação e expansão do Movimento hip-hop em Foz do Iguaçu, assim como pelo desenvolvimento de vários encontros na comunidade local. O desenvolvimento da Banca Cartel do Rap amplia o rap em diferentes espaços na medida em que jovens começam a despertar interesse, em distintas partes da cidade, pelas práticas do Movimento Hip Hop.

Os fluxos entre rappers iguaçuense entre 1998-2000 passam por uma maior acessibilidade de conhecimento ao Movimento nacional. A divulgação do rap através do rádio, da televisão, CDs e revistas amplia-se por todas partes, conforme aponta Mano Zeu (2011):

no ano 2000 chega a revista RAP BRASIL. Essa revista chega nas bancas em Foz do Iguaçu, e nós temos acesso as informações sobre o rap, sobre o que era, sobre algumas entrevistas com alguns grupos, sobre o movimento, sobre coletivos, que em São Paulo já estavam bombando. Na verdade em 1999 que nós tivemos acesso a alguns fanzines e algumas coisas. Ai o que acontece, em Foz constrói uma pista de skate, de 1999 para 2000, foi tudo nessa mesma época, foi uma overdose de coisas aparecendo ao mesmo tempo. Constroem pista de skate, vem grupos paulitas para apresentar, a gente conhece uma galera do outro lado da cidade que já estava fazendo rap, e tinha uma concepção a mais do movimento, inclusive já tinha intitulado MH2I, que era Movimento Hip-Hop Iguaçuense. E a gente ainda estava naquela questão de como fazer, de como que era, de como se faz. Essa galera (MH2I), já estava com contato o pessoal de SP.

Esse período de maior acessibilidade as referências do Rap nacional, revela no plano local uma transformação na cidade. Uma vez que os espaços eram privados e não públicos para o desenvolvimento de atividades culturais. Nesse contexto, a pista de skate na cidade de Foz do Iguaçu, revelou-se como espaço de encontro e promoção das ações de vários eventos culturais promovido pelo Movimento Hip Hop iguaçuense.

Outra fonte de informação do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu, está no acesso a fontes e na própria construção de fanzines, que surgem da contração da

expressão em inglês *fanatic magazine*, “*fanatic*” (fã) e “*magazine*” (revista), sendo revista de fãs. São revistas de produções dos próprios integrantes que fazem o Movimento Hip Hop, trazendo uma expressão política as vozes marginalizadas e oprimidas. Assim, as revistas constituem-se como importantes veículos de informação, assim como os fanzines, uma forma de manifestação, dando lugar as críticas, denúncias às escritas de poemas e pensamentos.

Com um caráter político, conscientizador, educativo e de reexistência social, os fanzines constituem-se como mecanismos de mediação e reinterpretação da cidade e das capacidades políticas que cada morador possui à uma reinterpretação de suas histórias, valores e significados de suas relações. Em Foz do Iguaçu as produções de fanzine iniciam-se pelo coletivo Cartel do Rap, abaixo uma amostra gráfica da produção de fanzine.

Figura 3 – Fanzine A chave é a União (CARTEL DO RAP, 2009)



Disponível em: http://fanzinecarteldorap.blogspot.com.br/2009_12_01_archive.html

Figura 4 – É hora de lutar (CARTEL DO RAP, 2009)

Cartel do Rap
 Foz do Iguaçu, Novembro de 2009, ano 5 - Fanzine n° 55
FANZINE A Chave é a União



É Hora de Lutar

O FANZINE É O TRÁFICO DE INFORMAÇÃO
 PARA A FORMAÇÃO DE UMA NOVA NAÇÃO.
 ENVIE-NOS SUAS IDÉIAS.
 (45) 8417-3726 / 9132-1668 /
 Orkut: Lizal Zeu / e-mail: fanzinecarteldorap@hotmail.com
www.fanzinecarteldorap.blogspot.com

Disponível em: http://fanzinecarteldorap.blogspot.com.br/2009_11_01_archive.html

Figura 5 – Somos Anti-Capitalistas/Somos Anti-Imperialista (CARTEL DO RAP, 2009)

Cartel do Rap
 Foz do Iguaçu, Abril de 2009, ano 5 - Fanzine n° 47
FANZINE A Chave é a União

SOMOS ANTI-CAPITALISTAS / SOMOS ANTI-IMPERIALISTAS



O FANZINE É O TRÁFICO DE INFORMAÇÃO
 PARA A FORMAÇÃO DE UMA NOVA NAÇÃO.
 ENVIE-NOS SUAS IDÉIAS.
 (45) 8417-3726 / 9132-1668 /
 Orkut: Lizal Zeu / e-mail: fanzinecarteldorap@hotmail.com
www.fanzinecarteldorap.blogspot.com

Disponível em: http://fanzinecarteldorap.blogspot.com.br/2009_01_01_archive.html

Figura 6 – Consciência Negra (CARTEL DO RAP, 2008)

Cartel do Rap
 Foz do Iguaçu, Novembro de 2008, ano 4 - Fanzine n° 42
Consciência Negra



O FANZINE É O TRÁFICO DE INFORMAÇÃO
 PARA A FORMAÇÃO DE UMA NOVA NAÇÃO.
 ENVIE-NOS SUAS IDÉIAS.
 (45) 8417-3726 / 8804-2993 / 9132-1668 /
 Orkut: Lizal Zeu / e-mail: fanzinecarteldorap@hotmail.com
www.fanzinecarteldorap.blogspot.com

Disponível em: http://fanzinecarteldorap.blogspot.com.br/2008_11_01_archive.html

Ao longo da história do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu a ação da estética política dos fanzines revelou significados sobre as relações humanas e suas ações sociais na política, na economia, na ciência, na educação, nos debates de raça e gênero e etnia, uma reexistência de valores nas comunidades locais. Os fanzines estão carregados de conteúdo dos mais variados e diversos assuntos da vida cotidiana, trazendo fatos, notícias, poemas, imagens, narrativas poéticas e acontecimentos do cotidiano, a uma reflexão as relações humanas e sua força política de afirmação social.

Os fanzines trazem além dos seus mais variados conteúdos, o despertar da expressão sociocultural do Movimento da comunidade local. Além dos fanzines o Movimento é contínuo, e seu fluxo revela-se em eventos que se rearticulam na cidade, além de suas fronteiras territoriais.

Para tanto, buscamos apresentar, em um subcapítulo, um olhar sobre os eventos do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu, pois é fato que estes eventos carregam expressões político-social e cultural constituintes e formadores do Movimento local.

4.3 *RAP NA QUEBRADA*: TRÂNSITO DE SIGNIFICADOS NA FRONTEIRA

Nos anos 2000, além das revistas, produções próprias de fanzines e o acesso à internet usados como fontes de mediação, acesso e divulgação de informações, começa a formar-se um circuito de eventos no Movimento Hip Hop na cidade de Foz do Iguaçu.

Os encontros nos bairros tornaram-se mais frequentes e as batalhas entre os rappers e as performances de break, assim como as práticas do grafite revelam o interesse de jovens de diferentes lugares da cidade num fortalecimento da comunidade local à realização de festivais, shows, saraus.

Os eventos são organizações sociais e culturais que partem da própria demanda e organização da comunidade do Movimento Hip Hop local. Somente a partir de 2000, com maior visibilidade que inicia-se a formação dos pontos de encontro na cidade de Foz do Iguaçu.

Até então, os eventos aconteciam de forma isolada, as divulgações eram localizadas e poucas pessoas ficavam sabendo, dificultando o acesso e o conhecimento daqueles que também admiravam a ação estética do rap, do break e do grafite. Dessa forma, como fonte de compreensão dos circuitos dos eventos, abaixo é possível perceber a partir dos cartazes os pontos de encontros, os bairros e os atores que passam a ser referência de demarcação cultural.

Nesse contexto, um dos eventos marcantes na história do Movimento Hip Hop iguaçuense é 1º Rap na Quebrada, que leva as práticas do *rap*, do *break* e do *grafite* para os bairros da cidade de Foz do Iguaçu no encontro de uma juventude que na maioria das vezes encontram-se isoladas de eventos de culturais. A estrutura, os equipamentos de som eram montados na rua e/ou em algum bar, um convite aberto para toda a comunidade. O evento chegou na sua edição de nº 30.

O primeiro Rap na Quebrada aconteceu no dia 05/10/2003 na favela do Jardim Paraná, os grupos que apresentaram-se foram X2daB, Conexão PB, ADP (Aliados da Periferia), Mano Vinícius e Facção VY. O rapper Mano Zeu foi um dos organizados do evento Rap na Quebrado, para ele,

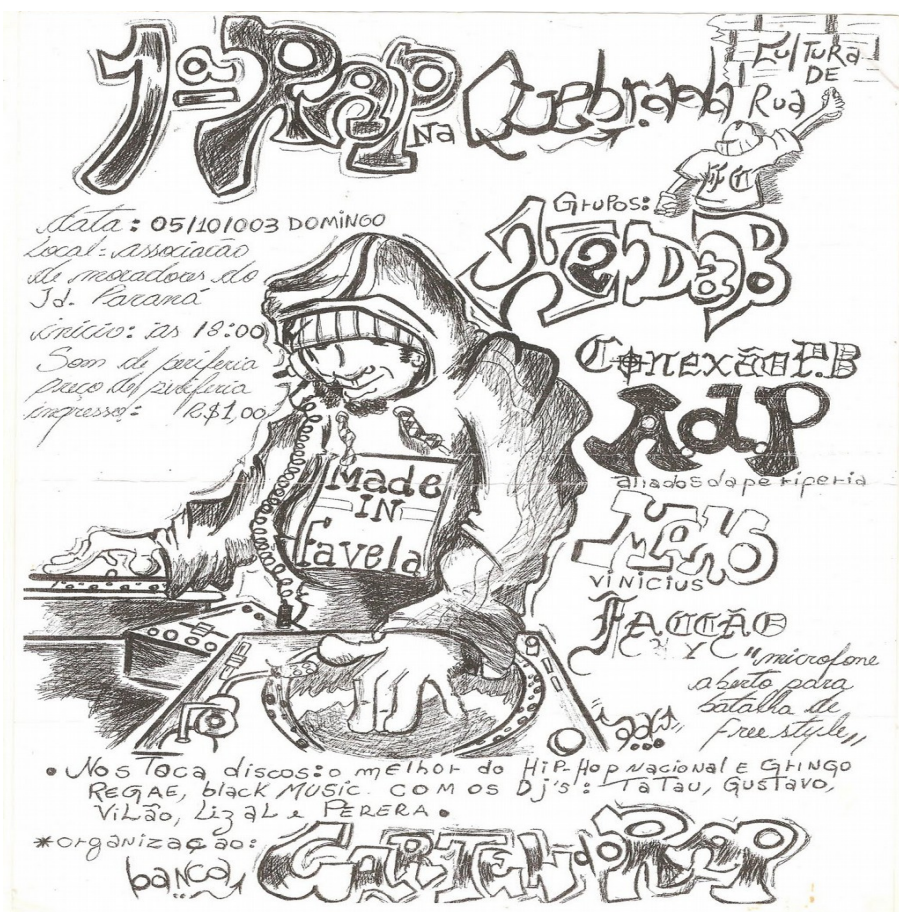
a ideia era percorrer de bairro em bairro de Foz com os eventos de rap. Aqui é uma cidade que tem muita favela, é escondido isso, mas tem. Nessa época a gente fazia uma conta que tinha umas 90 favelas em Foz, nessa época que a gente estava começando o hip hop, então a gente tinha um terreno grande e contato com muitos bairros, a gente faz esse projeto do RAP NA QUEBRADA, a gente conseguiu fazer 30 edições desse evento durante esse tempo em diferentes bairros. A ideia em si era passar nos bairros divulgando os rap da cidade e tal, eventos de rap, as músicas, os grupos. (MANO ZEU, 2011).

Os Rap na Quebrada, em suas 30 edições, foi um dos maiores eventos realizados pelo Movimento Hip Hop iguaçuense. Os encontros representavam uma abertura a comunidade local, principalmente nos bairros de periferias. O evento é um ponto de encontro entre os atores que fazem as performances do rap, do grafite e do break assim como um encontro com a sociedade iguaçuense e sua juventude, que de forma isolada

nos bairros, muitos não tem a oportunidade de se fazer presente e conhecer as dinâmicas de relações sociais e culturais do Movimento Hip Hop.

Dessa forma, além do acesso a eventos culturais os eventos revelam-se como um espaço de discussão e crítica a realidade local dos bairros e da cidade. Sendo assim, o Rap na Quebrada demarca na comunidade iguaçuense um fluxo de significados poéticos que redefine em suas relações as dinâmicas sociais dos bairros à cidade de Foz do Iguaçu, trazendo os acontecimentos da vida urbana como forma de transpor as transformações nas sociedade globais.

Figura: 7 – Cartaz do 1º Rap na Quebrada



Disponível em: <http://fanzinecarteldorap.blogspot.com.br/2009/09/cartel-do-rap-completa-9-anos-de.html>

Concomitante ao evento Rap na Quebrada, foi realizado o evento Rap In Foz, que chegou na 18ª edição. O primeiro Rap in Foz aconteceu na favela da Morenitas, em dia 30/10/2004, entre os grupos que se apresentaram no evento estavam: Aliados da Periferia, Revolucionários MC's, Esquadrão do Rap, M.A. do Gueto, ZNF, Conexão PB e MDK.

Figura 8 – Cartaz Rap In Foz



Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.phpfbid=493343947459916&set=o.1416012411990936&type=3&theater>

Entre outros eventos realizados, está o Hip-Hop que percorreu diversos bairros e chegou a sua 17ª edição. A sua 2ª edição aconteceu na Favela do Queijo no dia 14/08/2005. Entre os grupos que se apresentaram estavam presente Revolucionários MC's, Voz do Gueto, Dependents do Rap, Conexão PB e Aliados da Periferia. No ano 2007, outro importante evento nacional chega em Foz do Iguaçu, o show dos Racionais MC's em Foz em 12 de dezembro 2007 no Clube Gresfi Grêmio Esportivo e Social.

Figura 9 – Cartaz do Show dos Racionais MC's



Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.phpfbid=974268135938255&set=o.1416012411990936&type=3&theater>

Já em 2014 é realizado o evento RAP TURA: RAP + CULTURA, na Vila A. Um encontro de batalhas e performances das práticas do Movimento Hip Hop com o objetivo de apresentar seus significados como expressões culturais.

Figura 10 – Cartaz do evento Rap Tura: RAP+CULTURA



Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.phpfbid=419625298185240&set=o.1416012411990936&type=3&theater>

Em 2013, aconteceu a 1ª Feira de hip hop, no Teatro Barracão, localizado na Praça da Bíblia, na República Argentina. O Teatro Barracão em Foz do Iguaçu, revela um espaço de expressão e a manifestação das identidades da juventude. A 1ª Feira de hip hop contou com uma programação diversificada, performances, intervenções e apresentações de break, grafite e rap, além de uma sessão de *Slam Poetry*, conhecida com ZAP. A Zona Autônoma da Palavra (ZAP!) que reúne o ritmo e a composição poética ao improvisado e a agilidade na construção das narrativas poéticas do rap.

Figura 11 – Cartaz da 1ª Feira de Hip Hop

1º FEIRA DE HIP HOP

EBDY'S:

**Ricardo
Tito
Jorge
Nico
Richard
Ariel
Harry
Bianor**



NAS PICK UPS:

**Dj Mano Zeu
Dj Bogler
Dj Penayo
Dj Caverinha
Dj Sagaz**



GRUPOS/MC'S:

**Mano Zeu
Presença da Oeste e os Bang
com:
Verso de Honra
Eloquentes
Bj Brown
Mano Jr O Verbo
Acionarios MDL**



GRAFFITI

**LOCAL: TEATRO BARRACÃO
DATA: 19 DE OUTUBRO
HORA: 18:00
VALOR: 3 REAIS**

*Campeonato Zap
zona autônoma
de poesia*

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.phpfbid=650954364938590&set=o.534012866609656&type=3&theater>

No ano de 2012 acontece a inauguração da Biblioteca Comunitária no Bairro Cidade Nova, com apresentações artísticas cultural da própria comunidade e da cidade, além da participação de vários integrantes do Movimento Hip Hop iguaçuense e do rapper GOG que é considerado um dos percussores do rap em Brasília. Este espaço revela-se como importante ponto de encontro de todo o bairro Cidade Nova, à leitura, reuniões, estudos e cursos para as crianças e para a realização de eventos. O bairro Cidade Nova começa a ser implantado em 1990 e atualmente possui mais de 10 mil moradores. Com a união e a força dos moradores inicia-se um processo de implementação, a partir dos próprios moradores, de uma biblioteca comunitária, aberta a todo o bairro e a cidade.

Figura 12 – Cartaz da inauguração da biblioteca no bairro Cidade Nova em Foz do Iguaçu

GOG
AO VIVO NO CIDADE NOVA
23 de Setembro
Domingo - a partir das 13:00hs

**INAUGURAÇÃO DA
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CNI**
Shows de Rap / Dança de Rua / Grafite / Contação de Histórias
Sarau Rap e Literatura Periférica / Distribuição de Zines
Mostra de Vídeos do Cidade Nova
Rua Eloi A. Nedel - Cidade Nova II - Ao lado da Igreja Católica
UNILA - ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CIDADE NOVA II - CNI CIDADE NOVA INFORMA

Disponível em: <http://umpescadordepalavras.blogspot.com.br/2012/09/gog-em-foz-do-iguacu-ao-vivo-no-cidade.html>

No ano de 2013 acontece na Biblioteca Comunitária do bairro Cidade Nova, o evento Tributo Sabotage, com a exibição do documentário Sabota Nós, roda de break, shows de rappers, grafite, freestyle e sarau de poesia preta. O bairro Cidade Nova em Foz do Iguaçu, que está situado entre a Vila C e a Vila A, às margens do rio Almada, é considerado um ponto de referência do Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu, isso porque residem no bairro alguns rappers que juntamente com o apoio da comunidade local, fazem do bairro um centro de atividades culturais e sociais através das próprias ações dos moradores.

Figura 13 – Cartaz do evento Tributo Sabota no bairro Cidade Nova – Foz do Iguaçu



TRIBUTO
SABOTAGE

30 de Nov. (Sabado) - 19 hs - Entrada Franca
(Biblioteca Comunitária CNI - ao lado da Igreja Católica)

Exibição do Documentário SABOTAGE NÓS
SHOW DE RAP - RODA DE BREAK - GRAFITE - FREESTYLE
DJS - SARAU POESIA PRETA - MALABARES CIRCODÉLICO

Sorteio de um livro Biografia Oficial do Sabotage

REALIZAÇÃO: **FAMÍLIA Zonanorte**

APOIO: **CNI** **eco** **estúdio comunitário**

Disponível em: http://www.cnifoz.com/2013_11_01_archive.html

Entre 2011 a 2012 foram realizados os Pontos de Encontro por Foz do Iguaçu. O evento 'Pontos de encontros' foi realizado em diversos espaços da cidade onde estavam abandonados ou isolados perante o olhar da comunidade local. Nesse evento houve uma forte presença do Movimento Hip Hop local, ajudando na organização, divulgação e na interação com debates e apresentações no momento do evento. Dentro os espaços percorrido pelos Pontos de Encontros, estão o Zoológico Municipal, o Marco das Três Fronteiras e a Praça da Pista de Skate. No 2015 foi a realizado o evento Hip hop na Vila, realizado na pista de Skate inaugurada, em 2014, no bairro Vila A em Foz do Iguaçu.

Figura 14 – Cartaz do evento Hip Hop na Vila A



Disponível em:

www.facebook.com/photo.phpfbid=496428707171565&set=o.1416012411990936&type=3&theate

Entre os percursos que são estabelecidos na realização de eventos sociais e culturais da juventude do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu, significados deslocam-se no espaço urbano na medida em que (re)definem visões do pertencimento social e cultural de cada bairro e espaço habitado às margem das fronteiras geográficas de Foz do Iguaçu – Brasil ao lado de Ciudad Del Este – Paraguay e Puerto Iguazu – Argentina.

As práticas do Movimento Hip Hop nos mostra um processo de ação social, onde as vivências e experiências de jovens transformam suas performances da vida urbana em símbolos e identidades culturais políticos. Não se pode delimitar as práticas e suas vivências dos jovens que fazem o Movimento Hip Hop na cidade de Foz do Iguaçu, pois é fato que as práticas do *rap*, do *grafite* e do *brek*, são ações em constante movimento, onde os próprios participantes se (re)definem na formação de novos grupos ou coletivos.

O Movimento (Hip Hop) revela-nos uma integração de significados que redirecionam-se num fluxo de deslocamento de ações sociais contínuas, (re)significando o homem e a sua cultura. (GEERTZ, 2011). Dessa forma, os eventos passam a estabelecer espaços de circulação na cidade de Foz do Iguaçu e suas fronteiras territoriais, especialmente Brasil – Paraguay. Os círculos de eventos na fronteira traz elementos culturais onde ressignifica o homem e suas relações na mediação de ações política em seu contexto urbano. Assim, além dos eventos as músicas constituem-se

como importantes formas de perceber estas dinâmicas entre as fronteiras, seja territorial, ideológica ou simbólica.

Para compreender as ações sociais e culturais, enquanto fenômenos globais, percebe-se que os acontecimentos da globalização e as transformações nas relações dos Estados pós-guerra (1918) faz emergir no cenário internacional diferentes atores, como as Organizações Internacionais Governamentais (OIGs) e as Forças Transnacionais (FTs), (re)significando as interações entre os entes no ambiente internacional. Nesse contexto, dentre as Forças Transnacionais (FTs), a sociedade civil emerge às faces das interconexões globais, após a Guerra Fria, trazendo à luz de uma dinâmica de ações políticas que perpassam em suas relações as fronteiras locais à uma compreensão das relações globais, um entendimento as especificidades do contexto contemporâneo.

A emancipação de atores, como ONGs e FTS, traz à luz debates em torno das questões metateóricas, ontológicas e epistemológicas, a conceber novas reflexões dos processos de estruturação nas Relações Internacionais. Nesse contexto, a emancipação sociocultural em movimentos políticos desenvolve-se entre os atores nas Forças Transnacionais (FTs). (PECEQUILO, 2012)

Dentre as Forças Transnacionais (FTs), a sociedade civil emerge às faces das interconexões globais, após a Guerra Fria, trazendo à luz uma dinâmica de ações políticas que perpassam em suas relações as fronteiras locais à uma compreensão das relações globais, um entendimento as especificidades do contexto contemporâneo. A sociedade civil revela-se enquanto agente político não estatal, que busca frente aos sistemas de Estados, a formação de novos espaços e debates para o desenvolvimento de relações políticas, culturais, sociais e econômicas. Nesse contexto, a emergência da sociedade civil revela-se num processo de estruturação das relações humanas a construção de uma rede político-social e cultural global

No entanto, se faz necessário entender três dimensões internacionais para concebermos uma sociedade civil internacional, de acordo com Colas Krauter (1999). A primeira dimensão consiste no fato de que a sociedade civil deve ser vista como constituinte do sistema Estado moderno. Dessa forma, devemos compreender uma esfera autônoma da atividade econômica ou como a personificação de um tipo distinto de comunidade política, pois a sociedade civil emerge em conjunção ao Estado soberano, que nada mais é do que um componente chave do sistema internacional. (COLAS KRAUTER, 1999, p.71).

A segunda dimensão internacional, define-se como expressão das relações de mercado capitalista, onde a sociedade civil deve ser vista como um fenômeno internacional em virtude da sua expansão global. Enquanto que a terceira dimensão, a

sociedade civil é vista como um espaço político e ético ocupada por movimentos sociais modernos, onde suas dimensões internacionais do seu funcionamento tornam-se ainda mais evidentes na medida que seus fluxos de articulações políticas internas ganham forças transnacionais além de suas fronteiras territoriais, ideológicas e institucionais. (COLAS KRAUTER, 1999, p.71).

Nesse contexto, combinando aos três elementos da dimensão internacional à luz do Quarto Debate das Relações Internacionais, entre os racionalistas versus reflexivistas, numa auto-reflexão de significados, a emancipação da sociedade civil, revela-nos em seus processos de relações na política internacional, uma reinterpretação de significados, valores e ideias nas Relações Internacionais contemporâneas, conforme apresentado no Capítulo 1.

Para compreendermos o processo de emancipação da sociedade civil, enquanto um ente internacional, se faz necessário defini-la, combinando os três elementos da dimensão internacional à luz das correntes reflexivistas. Nesse sentido, podemos entender a sociedade civil internacional, enquanto:

um espaço social e político criado a nível internacional, onde dentro dos Estados há uma expansão das relações capitalistas de produção, onde podem os movimentos sociais operarem em busca de objetivos políticos dos Estados.. (COLAS KRAUTER, 1999, p.71-72).

Compreendendo a sociedade civil internacional como um espaço político e socioeconômico criado internacionalmente, marcado pelas expansões capitalistas, frente as forças hegemônicas e contra-hegemônicas que surgem a partir da esfera privada das relações sociais, percebe-se que os processos de formação, fomentação e emancipação das interações nas redes sociais e culturais na Europa, na Ásia, Estados Unidos e posteriormente na América Latina, deflagam uma resistência local dentro dos Estados modernos a romperem as fronteiras territoriais enquanto uma agência cultural de forças transnacionais. Este fenômeno é fortalecido pelo boom da revolução cultural em 1968 (HOBBSAWM, 2013) frente às hegemonias estadocêntricas, numa resignificação de novos valores, sentidos e visões da ação humana à uma insurreição política da sociedade civil no plano internacional.

Nesse contexto, a sociedade civil internacional formada por movimentos sociais, cidadãos internacionais, povos indígenas, grupos e organizações de população negra, grupos de feministas e de GLBT, grupos ambientalistas e grupos de interesses e grupos socioculturais, se tornou uma forma de estudar e compreender a formação e estruturação de significados globais nas relações contemporâneas.

Não podemos negar que há uma interação da sociedade civil com os sistemas estatais desde o processo de formação dos Estados modernos, todavia essa relação é

negada e marginalizada por estudiosos tradicionalistas das Relações Internacionais, uma resistência de valores embrionados pelo domínio do poder dos Estados. Dessa forma, o que busca-se nas relações contemporâneas é redefinir percepções de valores e significados enraizados no domínio do poder dos Estados nas Relações Internacionais, a uma tentativa de uma reconstrução de significados da formação e estruturação da arquitetura internacional contemporânea, a partir do reconhecimento e emancipação da sociedade civil internacional.

Nesse contexto, estudar as ações sociais e culturais para compreensão de seus significados e suas Relações Internacionais, se faz necessário se fazer presente numa rede local de significados socioculturais políticos. Uma compreensão que permite-nos entender as culturas e suas relações no seu movimento, à redefinir as fronteiras territoriais, simbólicas e ideológicas, num fluxo transdisciplinar de significados, uma “série infinita de deslocamentos no tempo, às vezes alterando também o espaço, entre formas externas acessíveis aos sentidos, interpretações e, então, formas externas novamente”. (HANNERZ, 1997, p.15).

Nesse contexto, a sociedade civil formada por Movimentos culturais e sociais, permite-nos trazer à luz das estéticas do Movimento Hip Hop, fontes de análises para compreensão de significados que vão além das fronteiras dos Estados-nação. Dessa forma, compreendendo que o processo de desenvolvimento do Movimento hip hop, que inicia-se na diáspora latino-americana a enraizar-se em um berço cultural nos Estados Unidos (ROSE, 1997), conforme apresentado no capítulo 2, a partir das dinâmicas e interações socioculturais dos moradores das periferias frente as forças políticas do capitalismo estatal após a Segunda Guerra Mundial (1945), transcrevem na produção de suas narrativas poéticas (SOUZA, 2009) no Rap um fluxo de significados das faces da demografia do novo internacionalismo, de uma resistência à uma “reexistência” das faces da história das relações contemporâneas. (BHABHA, 2010, p.24).

Nesse contexto, o Rap em seus fluxos de significados, traz na escrita das “narrativas poéticas” uma reflexão das inter-relações das vivências de pessoas que cruzam as faces das dinâmicas políticas, sociais e culturais diante as fronteiras da exclusão, opressão e marginalização.

Essas dinâmicas em suas relações cruzam-se num universo complexo das ações sociais cotidianas, onde milhares de pessoas são contrapostas ao poder dos Estados nacionais à redefinirem-se numa resistência política. Nesse contexto, as dinâmicas sociais em seus significados cruzam nas fronteiras dos Estado-nação, exemplo disso está na narrativa poética América La Tinha, do rapper Mano Zeu (Cd. Brasil Ilegal, 2009),

América minha, sua, de todas as que habitam

Terra férteis, céu líquido, riquezas infinitas
 América, florão, do planeta terra
 A década exploram seus mares e suas selvas
 Soy loco por ti como Ernesto Che Guevara
 A guerra não tarda América se prepara
 Mas aí, era aí, que que eles estão fazendo aqui
 Associei, pensei, compreendi, entendi
 Sua água tá acabando, estão reciclando xixi
 Olha os zói gordo dos gringos, aquífero guarani
 Amazônia vendida, dividida, desmatada
 Explorada, queimada, já não resta mais nada
 Adeus amigo planeta, bairro cidade nação
 Destruição sem noção, causa da desertificação
 (...)

América La Tinha, guerreiros verdadeiros.
 América de Zumbi, Antônio Conselheiro
 América do Futebol, do Carnaval e do Pandeiro
 América desmatada pela gana de dinheiro
 América La Tinha, poetas combatentes
 Neruda, Drummond de Andrade, semeadores da semente
 América pulmão e coração do mundo
 Entre um milhão es a nação mais bela eu não confundo
 América La Tinha, quedas d'água Cataratas
 Florestas, verdes matas
 Cachoeiras e Cascatas
 América de belezas naturais, outro e prata.
 Terra de Lamarca, de Emiliano Zapata. (MANO ZEU, 2009).

A construção poética da narrativa acima, revela a partir da vivência do rapper Mano Zeu na cidade de Foz do Iguaçu e suas articulações em Ciudad Del Este – Paraguay e Puerto Iguazú – Argentina, um olhar sobre sua realidade social, marcada por dinâmicas de transformações econômicas e políticas e culturais, numa construção de significados que transpõe o seu pertencimento local, se fazendo nas representações latino-americanas. A narrativa acima, delineia os movimentos político-culturais, como as lutas indígenas, negras, camponesas e urbanas, que estão representadas por nomes, como Emiliano Zapata, Carlos Lamarca, Zumbi dos Palmares e Antônio Conselheiro. As referências das representações criam um fluxo espacial sobre as dinâmicas de transformações da história latino-americana, revelando-nos uma emergência político sociocultural de manifestações demarcadas pelo processo de colonização.

As manifestações culturais latino-americanas revelam-se na fomentação de uma auto-afirmação e autonomia de pensamentos e ideias constituintes de valores, vivências e experiências urbana-camponesa. Vivem-se diante as relações complexas dos Estados modernos, uma emergência político-cultural de reinterpretação de significados das realidades local-regional latino-americana.

A narração do rap como forma de poesia combatente, reivindica direitos rompidos no curso da formação originária latino-americana, à uma desconstrução de olhares e percepções sobre as dinâmicas de desequilíbrios das relações políticas e econômicas

diante do uso dos recursos naturais latino-americanos. As representações dos recursos e belezas naturais, através do Aquífero Guarani e da floresta Amazônia, revela-nos os interesses diante das dinâmicas políticas, do uso e monopólio desses recursos dentre os Estados latino-americanos assim como demais Estados, como europeus e os Estados Unidos.

As próprias transformações nas relações culturais diante das dinâmicas de significados demarcam uma violência enraizada na sociedade proveniente das rupturas coloniais que perpetuam-se na marginalização e exclusão histórico-social-cultural e racial. Dessa forma percebe-se que os significados cruzam as fronteiras da vida urbana ressignificando suas relações políticas contemporâneas, suas percepções e seus fluxos significados locais socioculturais entre Estados-nações.

O Rap iguaçuense em seu fluxo poético, revela-nos uma auto-reflexão biográfica das interações políticas numa reinterpretação de significados, das unidades políticas internacionais e suas relações na política mundial. Desta maneira, entendemos que a ação política do Rap no Movimento Hip Hop de Foz do Iguaçu, constituída por seu ritmo e sua poesia, transmite em seu fluxo de deslocamento sobre a cidade de Foz do Iguaçu e suas fronteiras, olhares e significados da realidade social, econômica, cultura e política de cada cidade/Estado às suas inter-relações políticas globais.

A cidade de Foz do Iguaçu, a partir das considerações do seu contexto urbano, apresentado nesse capítulo, revela-se numa narração poética denominada *Na Fronteira do Inferno*, pelo grupo Mandamentos da Rua (2006):

Salve salve favela aqui quem fala é o Mandamentos da rua
 Eu to aqui vivendo onde o crime impera
 Aonde o sangue do favelado só serve pra dar ibope ao apresentador de
 televisão
 Aonde a rotam não serve pra dar segurança só a dor pra família na hora do
 reconhecimento no IML
 Este ano se totalizam mais de 300 mortes até hoje e pro sistema isso se
 torna irrelevante
 Ae cuzão as cataratas jorra sangue bem mais triste e diferente do seu
 mundo moderno
 Vem pra foz do iguaçu tenta sobrevive na fronteira do inferno (CD. Na
 Fronteira do Inferno, 2006)

A cidade de Foz do Iguaçu no discurso dos Mandamentos da Rua mostra uma realidade que iniciou a se partir da década de 1980, com o término da construção e inauguração da usina de Itapu. Conforme apresentado no contexto urbano da cidade de Foz do Iguaçu, após o término da construção da usina de Itaipu, vive-se um período de desequilíbrio estrutural, de uma economia informal e o aumento do desemprego. As articulações do comércio turísticos entrelaçado ao comércio do Paraguai não revela-se suficiente as demandas locais, fazendo com que milhares de pessoas busquem

oportunidade fora de Foz Iguaçu.

Diante das facilidades de cruzar a Ponte Internacional da Amizade que liga o Brasil e o Paraguay, milhares de pessoas redefinem suas fronteiras sociais em suas relações econômico-comerciais na compra de produtos para revenderem no país afora. Porém, nesse contexto, diante as facilidades encontrada no comércio vizinho, as práticas do contrabando revela-se diante da falta de emprego. Nesse contexto, a fronteira territorial dos Estados-nação marcada pela presença de sua força policial opera contra o contrabando, uma opressão as condições empregadas diante das mazelas da vida urbana. As condições sociais impregnadas nas relações público-privado não sustentam as repostas às necessidades de emprego, moradia e alimentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou refletir a partir de uma compreensão teórica das Relações Internacionais, precisamente das abordagens construtivas, o processo de emergência da cultura nas Relações Internacionais através do Movimento Hip Hop. Para tanto, utilizamos como método de pesquisa, uma etnografia dos estudos das representações das imagens, símbolos, narrativas musicais na medida em que foi realizado um estudo de campo no contexto urbano da cidade de Foz do Iguaçu, sobre o Movimento Hip Hop na fronteira.

No primeiro capítulo apresentamos uma compreensão sobre o processo de estrutura das teorias das Relações Internacionais, demarcando as implicações metodológicas e epistemológicas e ontológicas da disciplina à uma compreensão mais precisa das abordagens construtivistas na reinterpretação dos fenômenos e suas dinâmicas nas relações internacionais contemporâneas, pois somente compreendo através de um processo de interação social entre o plano interno e externo, que podemos trazer à luz um olhar das manifestações culturais nos debates da política mundial. Desse modo, o primeiro capítulo reflete através de um olhar das abordagens construtivistas, as manifestações socioculturais que emergem ao longo da história a reivindicarem seu espaço de atuação e debate nas relações políticas contemporâneas.

Diante os acontecimentos e fenômenos da globalização a partir de 1980, vive-se um período de reinterpretações das dinâmicas da política internacional, precisamente quando estas transformações emerge das críticas e debates das manifestações socioculturais local-global. Dessa forma, o segundo capítulo repousa um olhar sobre o processo de formação, estrutura e desenvolvimento do Movimento Hip Hop nos EUA e América Latina.

Podemos perceber que as práticas do break, do rap e do grafite que faz o Movimento Hip Hop, transpõe as suas relações sociais num fluxo de significados diante as dinâmicas da economia, da política, da tecnologia, da educação, etc... Trazendo elementos da realidade de jovens, que na sua maioria, encontram-se à margem das sociedades desenvolvidas. Para uma melhor compreensão dos significados no Movimento Hip Hop, este trabalho repousa num estudo do Rap e seus significados na sociedade global a um estudo de campo no contexto urbano da cidade de Foz do Iguaçu. Assim, no segundo capítulo, revela-nos visões insurgentes das dinâmicas da globalização, que faz da sociedade civil local emergi no plano global, revelando-nos novas percepções, críticas e debates da política mundial.

Para uma compreensão dessas percepções e das dinâmicas de representações

da política, da economia e das manifestações sociais e culturais, o terceiro capítulo traz um olhar sobre o contexto urbano da cidade de Foz do Iguaçu e suas transformações estruturais ao longo de sua história, na medida em um estudo de campo, possibilita-nos delinear as articulações que vão formar o Movimento Hip Hop na cidade. Dessa forma, o Movimento Hip Hop e seu contexto urbano ao longo da história é representado num fluxo de articulações e transformações sociais e culturais através de entrevistas, fanzines e pelo circuito de evento na cidade. As articulações constitui-se em um movimento que demarcar uma presença de significados local-global que redefinem-se nos processos de rupturas das fronteiras territórias, simbólicas e ideológicas.

As articulações e rupturas de significados redefinem-se o pertencimento local assim como nas fronteiras espaciais entre os Estados-nação, uma transposição de manifestações de signos que ressignificam-se a realidade social de milhares de pessoas. Assim, as articulações que transpõe as fronteiras nacionais, revelam-se enquanto movimentos transnacionais, uma emergência da sociedade civil internacional. Dessa forma, a sociedade local constitui-se internacional, na medida em que, usam de suas ações político-social e cultural, como meio de expor, debater, criticar e reinterpretar a realidade que permeiam a política mundial.

Contudo, trazer o rap a partir de um olhar de suas narrativas, possibilita-nos compreender uma representação político-social, econômica e cultural do pertencimento local dos rappers assim como das dinâmicas de suas articulações e vivências que redefine-se tanto no presente, assim como num resgate de suas experiências passadas numa tentativa de moldar o futuro.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Emanuel. **O construtivismo no estudo das relações internacionais**. Lua Nova [online]. 1999, n.47, pp. 201-246. ISSN 0102-6445. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451999000200011>.
- ARCE, José M. Valenzuela. O funk carioca. In: Herschmann, Michael. **Abalando os anos 90: funk e hip hop**. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ARON, R.. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília: UNB, 1986.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. **História moderna e contemporânea**. São Paulo: Ática, 1983.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BULL, Hedley. **A Sociedade Anárquica: Um Estudo da ordem na política mundial**. Brasília: Ed. UnB/IPRI, 2002.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia (USP), vol. 39, nº 1, São Paulo, 1996, p. 13-37.
- CASTRO, Germania. **El Hip Hop en Venezuela: Documental audiovisual sobre el Hip Hop. Caso Distrito Capital**. Caracas: Trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social, UCV – Universidad Central de Venezuela, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- Colas Krauter, Alejandr. **The expansion of international civil society: The case of Tunisia**. PhD thesis, London School of Economics and Political Science (United Kingdom), 1999.
- ESTACIO, Víctor Hugo Salazar. **Análisis descriptivo del hip hop em ciudad de Quito**. Quito: Trabalho de conclusão de curso em de Comunicação Social, Universidad Central do Equador, 2013
- FERNANDES, José Pedro Texeira. **Teorias das Relações Internacionais: Da abordagem clássica ao Debate Pós-Positivista**. Coimbra: Almeida, 2011.
- FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal. **Plano Diretor de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: 2006.
- GARRIDO, Joan del Alcazar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set-ago, p. 33.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- Gilroy, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed.34, 2001.

GILROY, Paul. **Observância Racial, Nacionalismo e Humanismo**. In: Entre Campos: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça. São Paulo: Anablume, 2007.

GOHN, Maria de Glória. **Movimento no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. Mana, RJ, vol.3, n.1, pp. 7-39, 1997.

HALL, Stuart. "Quem precisa de identidade?" in SILVA, Tomaz Tadeu (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.

_____. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: representação da Unesco no Brasil, 2011b.

_____. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011c.

HERSCHMANN, M. **Abalando os anos 90 – Funk e Hip Hop – Globalização, violência e estulo cultural**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1997.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

IBGE. **Censo populacional 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=41> Acesso em: 22 ago. 2014.

MELO; Doriam Luis Borges de; CANO, Ignácio. **Homicídios na adolescência no Brasil: IHA**, 2012. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas; 2012.

LAGOS MATUS, Gustavo. Entre la detente y la guerra fría : la crisis del destino manifiesto de las superpotencias. **Estudios Internacionales**, [S.l.], v. 14, n. 56, p.474-499, ene. 1981. ISSN 0719-3769. Disponible en: <<http://www.rchdt.uchile.cl/index.php/REI/article/view/16073/21897>>. Fecha de acceso: 28 jul. 2015 doi:10.5354/0719-3769.1981.16073.

LAUWE, Paul-Henry Chombart. "A organização social no meio urbano". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

LIMA, PERCI. **Foz do Iguaçu e sua história**. Foz do Iguaçu: Independente, 2001.

LOPES, NEI. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana** De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, June 2002. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 20 June 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.

MADAMENTOS DA RUA. **Na fronteira do Interno** (CD). Foz do Iguaçu, 2006.

MANO ZEU. **Brasil Illegal (CD)**. Foz do Iguaçu, 2009.

MANO ZEU. **Movimento hip hop em foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: UNILA, novembro de 2011. Entrevista concedida a Angela Maria de Souza, Santiago Salles, Ronaldo Silva.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MIYAMOTO, S. "O Ideário da Paz em um Mundo Conflituoso". In: BEDIM, G. A. (Org.). **Paradigmas das Relações Internacionais**. Ijuí: Unijuí, 2000.

OBSERVATORIO DE LA TRIPLE FRONTERA. **A Atividade Cultural e Religiosa**. Disponível em: <http://www.observatoriotf.com/br/a_diversidade_cultural_e_religiosa.html> Acesso em: 10 ago. 2014

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

Onuf, Nicholas Greenwood. **World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations**. Columbia: University of South Carolina Press, 1989.

Onuf, Nicholas. **The Constitution of International Society**. European Journal of International Law, Vol. 5, No. 1, 1994.

PARK, Robert Ezra. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Política Internacional**. Brasília: FUNAG, 2012.

POCH PLÁ, Pedro. **Del Mensaje a la Acción: Construyendo el Movimiento HipHop en Chile (1984-2004 y mas allá)**. Santiago: Editorial Quinto Elemento, 2011.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **A condição da transnacionalidade**. Brasília: Série Antropologia. UnB, 1997.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop - A Periferia Grita**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

ROSE, T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. In: HERSCHMAN, M. (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, cap. 8, p. 190-213.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social: princípios do direito político**. São Paulo: Martins Frontes, 1999.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do Século XIX à era da Globalização**. São Paulo: Saraiva, 2008.

SANTOS, BOAVENTURA de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

- SEGATO, Rita Laura. **Alteridades históricas/Identidades políticas**: una crítica a las certezas del pluralismo global, 1998.
- SOUZA, Angela M. “**A caminhada é longa... e o chão tá liso**”: O Movimento hip-hop em Florianópolis e Lisboa. Florianópolis: Tese de Doutorado em Antropologia, UFSC, 2009.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola, 2011.
- SOUZA, A. M.; SANTANA, J. J.; SILVA, Ronaldo. **Rap na fronteira**: Narrativas poéticas do Movimento hip hop. Tomo (UFS), v. 25, p. 9-26-26, 2014.
- SORJ, Bernado. **Identidade Judaica, Diversidade e Unidade**. Disponível em: http://www.bernardosorj.com.br/pdf/identidade_judaica_diversidade_e_unidade.pdf
- VELHO, G. **Antropologia urbana**: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- VIANNA, H. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- TAVARES, Julio Cesar de. Uma ponte sobre o atlântico. In. LAHNI, CLÁUDIA REGINA. **Culturas e diásporas africanas**. UFJF, 2009.
- WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- WIRTH, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.